

Ecoss de março-abril de 2005

Sumário

- 82 Informações:
Nosso novo Papa: Bento XVI

Vida da Igreja

- 85 João Paulo II, um Papa para a eternidade!
Cardeal Poupard
89 Bento XVI, o Papa da verdade e da misericórdia
D. Bruno Forte

Vida Espiritual

- 92 Os Votos, dons para viver em oposição à cultura atual
Padre Grégory Gay, Superior Geral
98 2ª Ficha de estudos das Constituições: “Vocação e missão da Companhia”
Padre Javier Alvarez, Diretor Geral
114 Viver a Eucaristia (1ª conferência para a Renovação de 2005)
Padre Javier Alvarez, Diretor Geral

Atualidade das Províncias

Visita dos Superiores

- 126 Irmã Wivine Kisu, Conselheira Geral: Visita da Província de Moçambique
Irmã Elsa Fátima Uassiquete, correspondente dos Ecoss

Testemunhos das Irmãs

- 128 Província da Amazônia: Projeto de presença no Setor do Rio Gelado – Região de
Novo Repartimento
Irmã Esmeralda Antônia Sapin Correa, correspondente dos Ecoss
130 Província de Roma: 120º aniversário de presença das Filhas da Caridade no Vaticano
Extraído do site do Vaticano
132 Província da Bélgica: A criatividade na visita dos doentes
Irmã Marie-Louise Dawagne, Filha da Caridade
135 Província de Emmitsburg: A energia das Filhas da Caridade, uma força para o mundo
Irmã Hilda Gleason, Filha da Caridade
137 Província da França-Sul: Ser Filha da Caridade em Taizé
Irmã Maria Ruth Marchl, Filha da Caridade

Palavra dos Pobres

- 139 Quase-Província: Patrick, profeta do amor
140 Províncias da França: Depoimentos das pessoas com dificuldade de elocução e de
comunicação

Notícias Breves

- 141 * 25 anos de missão na Guiné Equatorial
* Sessão de estudos Arquivos-Arquivistas na Casa-Mãe
- 142 * A caridade é contagiosa
* Dia de festa da família vicentina do Moçambique

Família Vicentina

- 143 As Juventudes Mariais Vicentinas, um caminho de alegria, de confiança, de fé e de amor
Gladys Abi-Saïd, Presidente Internacional
- 145 Celebração do 3º centenário de chegada dos Lazaristas na Espanha
Padre Celestino Fernandez, C.M
- 147 Sequência Vicentina
Irmã Elisabeth Charpy, Filha da Caridade

História da Companhia

Fontes e atualidades

- 148 Celebrar o 175º aniversário das aparições de 1830
Irmã Claire Herrmann, Serviço dos Arquivos

Especial para 175º aniversário das Aparições de 1830

- 152 Uma interpretação da Mensagem Original das aparições de 1830
Padre René Coste, pss
- 160 Maria no primeiro lugar daqueles que querem vencer o mal pelo bem

Cobertura 3 : Cardeal Danneels

Informações

Nosso novo Papa: Bento XVI

João Paulo II partiu. O anúncio oficial do seu falecimento foi feito no **sábado 2 de abril de 2005**.

O mundo inteiro presta uma homenagem particularmente calorosa à pessoa e à obra de João Paulo II. Através dos acontecimentos, os dramas, as perturbações que aconteceram em seu pontificado, ficamos impressionados pela sua própria fidelidade. Pelo seu ensinamento, os inúmeros aspectos da sua missão, o seu papel na história contemporânea, a sua imagem, as suas orações, a sua vida, o seu carisma e mesmo a sua longa doença, os seus sofrimentos e suas limitações aceitas, a sua agonia "acompanhada" por dezenas e milhares de presenças e por centenas e milhões de pensamentos, ele nos deixa mil raios de luz. Suas atitudes, suas reações, suas intervenções aparecem hoje, aos olhos de milhões de jovens através do mundo, como um mestre em viver tanto quanto como um mestre em pensar.

Este homem, que tomou o partido de servir toda a humanidade, colocou seus talentos humanos, seu dom das línguas, sua força espiritual, sua cultura, a profundidade do seu pensamento, suas forças físicas ao serviço da sua fé em Jesus Cristo que lhe fazia dizer que todo ser humano é único, insubstituível, sagrado. Papa dos católicos, mas reconhecido também como líder mundial de uma filosofia dos direitos do homem, que se impõe hoje de maneira irreversível em todos os governos. João Paulo II operou uma verdadeira transmutação do papado e da percepção do cristianismo no mundo inteiro. Deixa uma Igreja totalmente inédita "especializada em humanidade", em busca permanente de caminhos de justiça, de reconciliação e de paz a nível universal.

Na terça-feira 19 de abril de 2005, os cardeais reunidos em conclave elegeram, em menos de 24 horas, o **novo papa Bento XVI**.

Eminente teólogo modelado pelo concílio Vaticano II, o cardeal Joseph Ratzinger é um homem de fé, de experiência e de reflexão. Nascido no dia 16 de abril de 1927 em uma família aldeã da Baviera, na Alemanha, Joseph Ratzinger foi ordenado padre em 1951. Passa alguns meses em paróquia, depois é nomeado em outubro de 1952 para o grande seminário de Freising, perto de Munique. Durante quase vinte anos, fora professor de Teologia fundamental e dogmática, sucessivamente em Bonn, Münster, Tübingen e Ratisbonne, faculdade da qual foi o decano. Em 1962, com a idade de 35 anos, trabalha como especialista junto ao concílio Vaticano II. Em 1977, foi ordenado Arcebispo de Munique e de Freising. Foi nomeado cardeal por Paulo VI no consistório de 27 de junho de 1977. Brillante teólogo, João Paulo II o nomeia, em 1981, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. É igualmente Presidente da Comissão Bíblica pontifical e da Comissão Teológica pontifical internacional. Nomeado Presidente da Comissão para a preparação do Catecismo da Igreja Católica em 1986, apresenta, após seis anos de trabalho, a João Paulo II o novo Catecismo. É eleito vice-decano do colégio dos cardeais em 1998, e depois decano em 2002.

É com esta qualidade de decano dos cardeais que Joseph Ratzinger foi o eixo do ínterim aberto pela morte de João Paulo II: da celebração das exéquias de seu predecessor à da missa "*para a eleição do Romano Pontífice*", segunda-feira antes da entrada em conclave, passando pela presidência das congregações cotidianas.

Entre as suas numerosas publicações, um lugar específico pode ser feito a *Fé cristã ontem e hoje*, conjunto de lições universitárias sobre a profissão de fé apostólica publicada em 1968; *Dogma e Revelação*, uma antologia de reflexões e pregações dedicadas à pastoral, em

1973. Um amplo eco foi dado igualmente ao seu argumento pronunciado diante da academia católica bávara sobre o tema: *"Porque ainda estou na Igreja?"*, na qual afirmava: *"somente na Igreja, é possível ser cristão e não a seu lado"*. Em 1985, aparece o volume *Diálogo sobre a fé* e, em 1996, *o Sal da terra*.

"Bento XVI, disse o Cardeal Lustiger, é certamente um intelectual de alta categoria. É, se podemos dizer, o último representante da geração dos maiores teólogos que fizeram o concílio Vaticano II... sua cultura, sua abertura sobre o pensamento contemporâneo são notáveis. Como João Paulo II, ele fala correntemente várias línguas... É um homem de uma grande delicadeza, de uma inteligência extremamente aberta, benevolente e muito penetrante..."

De nacionalidade alemã, podemos ver nisso um admirável sinal de uma profunda reconciliação que sela, do ponto de vista cristão, o destino da Europa. A escolha do seu nome é também portadora de sentidos. Tomou o nome de Bento XVI em referência a São Bento, que se tornou o "patrono da Europa" em 1964 por Paulo VI e em referência a Bento XV, arcebispo de Bolonha, eleito papa em setembro de 1914, que, muito trabalhou pela paz, pela abertura das Igrejas orientais, incentivando o que se tornaria o movimento ecumênico... Seu nome anuncia a sua vontade de trabalhar pela paz entre os povos.

No dia de sua eleição, Bento XVI se apresentou à multidão reunida na praça de São Pedro em Roma como *"simples e humilde trabalhador nas vinhas do Senhor"*. No seu discurso aos cardeais, ele se inscreve na continuidade e na coerência com as vias abertas pelo papa João Paulo II, numa obra de paz e de comunhão da dimensão planetária. Na aurora do terceiro milênio, vai conduzir a Igreja para uma nova fase de sua missão. Num mundo marcado pela globalização das comunicações e o encontro de diferentes culturas, a missão universal da Igreja a impulsiona expressar a mensagem que lhe é confiada na diversidade das culturas e das civilizações. Não há dúvida que a grande cultura do novo Papa e sua capacidade teológica desenvolverão esta nova aproximação inaugurada por João Paulo II.

No domingo, 24 de abril, Bento XVI celebrou, na praça São Pedro, diante de mais de 300.000 pessoas, a inauguração solene de seu pontificado. O seu sorriso, menos tímido que nos dias precedentes, não tinha nada de triunfante. O seu rosto é iluminado do interior pela serenidade de um homem que acaba de aceitar a missão que lhe foi confiada. O semblante do bom pastor: não de um poderoso líder, mas de um servo.

Em sua homilia, ele definiu a sua missão e renovou o seu compromisso pela unidade dos cristãos. Bento XVI se vê, antes de tudo, *"servo dos servos de Deus"*. Apresenta-se como pastor que manifesta livremente a sua fé, sem forçar ninguém... mas, querendo transmitir uma boa notícia para todo ser humano.

Recordando o *"Não tenham não medo!"* lançado na mesma ocasião por João Paulo II, Bento XVI deu bem mais do que um sinal de continuidade: compromete-se com o essencial: restituir ao mundo o *"serviço da alegria de Deus"*.

Nas páginas seguintes, o Cardeal Paul Poupard, Presidente do Conselho pontifical da cultura, confirma o brilho do pontificado de João Paulo II e o arcebispo italiano D. Bruno Forte descreve Bento XVI como um teólogo preocupado com o diálogo.

Cardeal Paul Poupard

João Paulo II, um Papa para a eternidade!

Desde que soube da eleição do Cardeal Karol Wojtyla pelo Sagrado Colégio dos Cardeais, no dia 16 de outubro de 1978, Soljenitsyne gritou: *"Este Papa é um dom de Deus!"*.

Declaração também inesperada e surpreendente da parte de um intelectual Russo Ortodoxo pela eleição de um Cardeal Polonês, Arcebispo de Cracóvia, visto que estávamos habituados a um papado Italiano, desde a morte, de Adriano VI, em 1523, vindo da Utrecht nos Países-Baixos; nós estávamos também tão habituados a uma eleição de cardeais de preferência sexagenários como Paulo VI, ou mesmo octogenários como João XXIII. Intuição tão notável de Soljenitsyne que em vinte e três anos de distância, não hesitei em retomá-lo como título do meu livro (Ed. Plon/Mame, 2001).

Tudo foi dito e escrito sobre este Papa fora do comum, Eslavo de nascimento e de cultura, latino de formação e de convicção, que não cessou de queimar as etapas: Bispo aos 38 anos, Arcebispo aos 44, Cardeal aos 47, eleito Papa aos 58, e de conjugar os contrastes: operário nas fábricas Solvay e universitário experiente, duas vezes doutor em teologia, com uma tese sobre São João da Cruz, em Roma, e uma outra sobre Max Scheler, em Cracóvia. Poeta e filósofo, ator e professor, pensador rigoroso bem à vontade com os intelectuais bem como com os estudantes, os camponeses e os trabalhadores. Políglota instruído, também fiel à tradição milenária de fé da Igreja, inovador no seu comportamento diário. Inclassificável, surpreendente, desconcertante para os comentaristas pois ele incomoda os hábitos preguiçosos, João Paulo II é sobretudo um homem livre, inteiramente doado ao seu Ministério de homem de Deus, que não se deixa abalar nem pelas cenas de críticas dos seus difamadores nem pelas fumaças do incenso de seus admiradores. "Este Papa que escolhe o Catolicismo", de acordo com a palavra profunda do filósofo Etienne Borne.

“Papa? Uma doença incurável”

“*Santo Padre, ao que se lhe assemelha ser Papa?*” pergunta-lhe inocentemente um Padre Polonês pouco tempo após sua eleição. E João Paulo II há de responder com seu humor decapante: “A uma doença incurável!”. Em outros termos, não há aposentadoria para um Papa! De fato, literalmente falando João Paulo II se gastou no trabalho todo ao longo de um quarto de século no qual, mais do que qualquer outro, deixou sua marca e o qual orientou longamente o curso. Ao longo dos anos, o “esportivo de Deus” como o Cardeal François Marty, Arcebispo de Paris, o havia saudado no parque dos Príncipes por ocasião da sua primeira visita Apostólica em Paris, no dia 2 de junho de 1980, marcado pelas provas de saúde e, mais que tudo, pelo atentado de 13 de maio de 1981, se tornou o servo sofredor. Mas quis continuar a sua estafante missão até o esgotamento de suas forças...

Papa de todos os recordes - de encíclicas publicadas, de Cardeais nomeados, de Bispos nomeados, de audiências concedidas, viagens realizadas, Países visitados, de bem-aventurados e de santos proclamados... e também de meses passados no hospital - realizou o mandato que lhe foi confiado, por ocasião da sua eleição pelo Conclave, em 1978, o valente e intrépido Cardeal Wyszinski, Arcebispo de Varsóvia e Primaz da Polônia: “*Karol, tu debes aceitar, para fazer a Igreja entrar no terceiro milênio*”. Missão cumprida com brio!

O Grande Jubileu do Ano 2000 pulverizou todos os recordes de participação, pelo número de peregrinos, a multiplicidade e a diversidade das celebrações e a sua dimensão planetária, graças às divulgações em “Eurovisão” do primeiro Jubileu mediático.

“*Não tenham medo!*” gritou o jovem Papa no primeiro dia do seu Ministério, na vasta praça de São Pedro, inundada de sol e repleta de fiéis: “*Abram todas as grandes portas ao Cristo, as fronteiras dos Estados, os sistemas econômicos e políticos, os imensos domínios da civilização, da cultura*”. João Paulo II nos deu o exemplo de maneira incomparável.

Foi sem medo que superou o atentado mortífero, chamou toda a Igreja ao perdão após ele mesmo o ter praticado, fazendo uma visita ao seu assassino Ali Agça na prisão, enfrentou a inumana e totalitária ideologia marxista-leninista atéia, enfrentou e derrubou o poderoso império soviético, bem como os poderosos Marcos, Duvalier e Stroessner, ultrapassou a porta da Catedral Anglicana, do Templo Protestante, da sinagoga Judaica e da Mesquita Muçulmana, denunciou a injustiça do embargo contra as populações inocentes, pediu a redução da dívida dos Países pobres, estigmatizou o mal do aborto e da eutanásia e, no coração da Ásia Central, no Cazaquistão, aos confins do Afeganistão, diante dos milhares de muçulmanos, de ortodoxos, de ateus que se uniram aos peregrinos católicos, denunciou o ódio, o fanatismo e o terrorismo como um insulto ao nome de Deus e uma ofensa que desfigura a imagem autêntica do homem.

“Tornem-se o que devem ser”

Se a caminhada tornou-se hesitante com o passar dos anos e as mãos cada vez mais trêmulas, o espírito permaneceu firme e resoluto e a energia inabalável. *"Viva o Papa!"* não cessam de eclodir, num ritmo ensurdecido, os dois milhões de jovens vindos dos quatro cantos do mundo para as jornadas mundiais da juventude em Roma, no coração do Jubileu do Ano 2000. *"Graças a Deus, ele vive a mais de 80 anos!"*. Tempestades de aplausos e de gritos renovados sem fim". João Paulo II conseguiu dominá-los com um micro que utiliza um ator consumado. A multidão agitada eclode o desejado milênio polaco: *"Sto lat!" Que tu vivas 100 anos!"*. *Não vale a pena esperar 100 anos para me deixarem falar!"* De repente, depois de uma enorme e explosão de gargalhadas, e de palmas desencadeadas por esta brincadeira inesperada, é o silêncio impressionante destes milhões de rapazes e moças, exaustos pelos quilômetros de caminhada e esgotados pelas horas de espera, para escutar esta mensagem entusiasmante: *"O que vocês vieram procurar aqui, ou antes, quem vocês vieram procurar aqui?" É Cristo, o Caminho, a Verdade. É Ele que vocês procuram. É Ele quem lhes abre o caminho. Vocês são as sentinelas da manhã. Tornem-se o que devem ser - cristãos livres - e vocês inflamarão o mundo inteiro"*.

Tal é a mensagem abrasadora que nos deixa o velho lutador recluso pelas provações, mas sempre jovem de coração, a fé cravada ao corpo até o último batimento do coração. Personalista e cósmica, a mensagem de João Paulo II apoiado sobre o seu bastão Pastoral de peregrino movido pela força do Evangelho de Cristo, é o de um profeta da esperança, uniu os direitos do homem e os direitos de Deus que, para ele, não são mais que um.

Vindo de longe, o Papa João Paulo II nos impulsiona a ir além. Seu Pontificado, aberto pela palavra de Cristo aos discípulos amedrontados no lago agitado de Tiberíades: "Não tenham medo", termina pelo convite retomado de Jesus aos Apóstolos desamparados após uma pesca infrutífera. *Duc in altum!* "Avancem ao largo". Com a força da fé, a certeza da esperança, a alegria do amor partilhado.

Sim, Soljenitsyne tinha decididamente razão de pressenti-lo e de nos advertir: "Este Papa é um dom de Deus". E podemos dizer com gratidão, no fim de um Pontificado de uma fecundidade impressionante: "os frutos excederam a esperança das flores".

Cardeal Paul POUPARD,
Presidente do Conselho Pontifical para a Cultura.

Dom Bruno Forte

Bento XVI, O Papa da verdade e da misericórdia

Para mim, Joseph Ratzinger é um homem de fé, de oração, que é realmente bom. Sóbrio e animado de um extraordinário espírito de pobreza. Admiro o seu desapego, a sua humildade, a sua liberdade interior e a forma como sempre respeita os seus interlocutores. Não se compreende nada em Joseph Ratzinger se separamos a caridade da verdade. Elas vão juntas para o serviço do Evangelho.

Se não, é grande o risco de naufragar no relativismo ou na intolerância. Teólogo que acaba de ser eleito papa é antes de tudo um cristão e um padre que coloca em prática o que anuncia: o que mais me chama atenção nele é a sua coerência de vida. Este pastor é unificado interiormente.

Suas referências espirituais são antes e, sobretudo, agostinianas. Santo Agostinho é seu mestre, que propõe a fé a partir da experiência vivida. A esta fonte patrística, o pensamento teológico do novo papa, fundamentada na prática do Evangelho e no encontro com Cristo, não é, por conseguinte uma onda de idéias, mas a expressão de uma vida dada em testemunho da verdade. Por isso, Joseph Ratzinger se situa na linha dos Padres da Igreja: incorruptível e corajoso sobre a verdade, mas ao mesmo tempo cheio de amor pelas pessoas.

Eu pude trabalhar com ele na Comissão teológica internacional. Gostei da sua maneira de intervir em nossos trabalhos com argumentos elaborados, fazendo refletir sem nunca forçar o debate, sem usar de autoridade. Por exemplo, por ocasião da dinâmica do jubileu do ano 2000, eu fui encarregado do processo do arrependimento (Memória e reconciliação), ele respeitou os pontos de vista de todos favorecendo um diálogo fértil feito de delicadeza e, repito, de grande caridade. A diferença com ele, torna-se fecunda.

Ele é favorável ao diálogo inter-religioso na medida em que a verdade de Cristo não é relativizada. Desde o encontro histórico de 27 de outubro de 1986, "o espírito de Assis" consiste notadamente em rezar pela paz, em construí-la juntos, num mesmo movimento interior, mas sem a confusão das tradições. A confusão não vem de Deus.

Joseph Ratzinger está unido por uma teologia trinitária: guarda do coração a "périchorèse", este modelo da troca contínua entre as pessoas da Trindade, cada uma vivendo na outra sem perder a sua própria identidade. Esta visão, ao mesmo tempo teológica e enraizada na realidade da história, dá também a chave para compreender como ele encara as relações entre as Igrejas, particularmente entre Roma e as Igrejas locais: fala da "périchorèse" eclesiológica.

Este pastor em nenhum momento desejou ser papa, e precisou coragem para aceitar a decisão dos cardeais. No momento do seu aparecimento na varanda de São Pedro, eu estava comovido em lágrimas, porque sei o valor deste homem... Na hora da missa na capela Sistina, ele citou o concílio Vaticano II, sobre o qual sua missão se apóia. Ele é um daqueles que têm "feito" este concílio. Ele esteve visceralmente ligado a ele. Vaticano II é a identidade do teólogo Ratzinger e do papa que ele se tornou pela graça de Deus.

O nome que escolheu nos diz uma mensagem. Bento XV, que veio após um santo, Pio X, tentou muito salvar a paz, na época da Primeira Guerra mundial. Bento XVI situa a sua missão num mundo onde o futuro é sombrio, onde muitos têm medo e se perdem num certo niilismo, manifestado pelo terrorismo. Este papa vem trazer a esperança, lembrar que a nossa história tem um sentido, no mistério de Deus encarnado.

Eu acredito que à luz da sua longa experiência e da sua amizade com o Cristo, ele vai oferecer aos que erram, na aldeia global que é a nossa humanidade, de sinais claros e de razões para crer. É o papa da confiança enraizada na primazia de Deus. Como dizia São Bento: *“Nada colocar antes do amor de Deus”*.

Monsenhor Bruno FORTE
Arcebispo de Chieti,
Membro da Comissão teológica internacional.
(extraído do Jornal La Croix, 25 de abril de 2005)

Nota

1. “Périchorèse”: reciprocidade relacional e comunhão interpessoal. Os teólogos contemporâneos usam voluntariamente a imagem da “Périchorèse” palavra atribuída aos Padres Gregos para repensar a unidade na Trindade: a Périchorèse das pessoas divinas.

PADRE G. GAY, SUPERIOR GERAL

OS VOTOS, DONS PARA VIVER EM CONTRA CORRENTE DA CULTURA ATUAL

Introdução

Vocês são uma Comunidade de Vida Apostólica, com a missão de servir os pobres. A renovação de seus votos deve começar por um olhar de compaixão, mas um olhar crítico face ao mundo no qual vocês vivem e servem. Os olhos com os quais vêem o mundo são os olhos de Deus. A vocação específica de vocês na Igreja interpela cada uma a olhar o mundo como ele é, a vê-lo com e na fé, esperança e amor. A graça de Deus que habita os seus corações convida-lhes à ações sinceras.

Eu gostaria de empregar um método simples para partilhar-lhes as minhas reflexões sobre os votos, para ser fiel no seguimento de Jesus Cristo no serviço dos pobres. Vejam o mundo tal qual ele é hoje. Com a Palavra de Deus, iluminem o olhar sobre este mundo. Em seguida, ajam de acordo com o que a graça de Deus suscita em seus corações. Hoje, vocês renovam seus votos, que este dia seja uma celebração: celebrem o que vocês são e o que fazem de uma maneira humilde, simples e caridosa.

Entre os meios que os Santos Fundadores, São Vicente e Santa Luisa de Marillac, transmitiram-lhes para serem fiéis ao apelo e à missão, figuram os quatro votos: Serviço dos pobres, castidade, pobreza e obediência. Antes de refletir sobre cada um deles, vejamos o contexto no qual vivemos hoje.

O nosso mundo tal como é

Vivemos num mundo egocêntrico. Eu chamaria o mundo da criança que nunca cresceu. Os principais objetivos filosóficos do mundo atual são: pensar primeiro em mim. Como é que eu posso ser melhor e o mais rápido possível servido com o menor compromisso possível? O meu objetivo é ter êxito e ser feliz com o menor esforço possível. No que se refere ao mundo, o que ele pode me oferecer? No que diz respeito às pessoas com as quais eu vivo, qual é a melhor maneira de usá-las para realizar minha missão nesta vida? É isto que podemos esperar do mundo no qual vivemos hoje.

Vivemos num mundo materialista. O seu slogan poderia ser: ter ou não ter, aí está a questão. A minha identidade se revela não tanto pelo que eu sou, mas antes pelo que eu possuo. Os mestres do mundo de hoje são os comércios, eles exploram os nossos gostos e transformam facilmente o luxo de antigamente numa necessidade para hoje. A sociedade de consumo é o falso Deus a quem nós somos chamados a adorar. A sede de possuir nos empurra a ter sempre mais, e inconscientemente nós pensamos que quanto mais possuímos, mais seremos felizes. Tudo isto gera um mundo de contrastes consideráveis entre os que têm e os que não têm.

Vivemos num mundo hedonista. O seu slogan poderia ser: se isto lhes agrada, façam-no. O prazer é assimilado ao amor e o amor ao sexo sob todas as formas. De um ponto de vista egocêntrico, temos a necessidade de sermos amados e esta necessidade se torna tão forte por momentos que freqüentemente nós nos satisfazemos dos meios menos autênticos para sermos amados. O amor a que somos chamados a dar é às vezes mal orientado. Nós nos surpreendemos em amar as coisas, o conforto ou mesmo os outros de maneira doentia, obsessiva e dependente. O falso Deus que adoramos é toda pessoa ou toda coisa que nos traz satisfação.

Vivemos num mundo onde eu faço o que me agrada. O seu slogan poderia ser: eu o faço como o entendo. Sua filosofia: eu conduzo o barco. Eu sou responsável. O que eu penso, o que sinto, o que quero, que seja realizado. Eu vou me desafogar e gritar, resistir e protestar até que eu obtenha o que quero. A Deus não gosta que alguém me desafie e tente me dizer o contrário do que quero! Mesmo se alguém tem uma idéia melhor que a minha, no fundo problema, é que eu tenho medo de ceder. Eu me sinto mais seguro de ter o controle das coisas e dos outros, de acordo com o meu ponto de vista. A minha própria insegurança leva-me a dominar os outros, meu falso Deus sou eu-mesmo. Que a minha vontade seja feita sobre a terra.

É verdade que a descrição que eu exponho aqui é o mundo na sua dimensão de pecado, como São João o compreende. É o mundo não redimido, nós todos fazemos parte deste mundo que, sem a graça de Deus, poderia facilmente nos asfixiar.

A Palavra de Deus

Antes de ir mais longe, vejamos como a Palavra de Deus nos ilumina e nos ajuda a ter um olhar de fé, de esperança e de amor sobre este mundo no qual vivemos. O texto que escolhi é o das tentações de Jesus em São Lucas. Gosto particularmente desta versão porque o Evangelho de São Lucas fala freqüentemente do ponto de vista dos pobres, e ao longo de todo o este Evangelho, o fio condutor é a ação do Espírito Santo, estimulando Jesus e os que o seguem a ser fiéis ao amor de Deus Pai.

As tentações, Jesus as vive no deserto, lugar árido, seco, solitário e hostil. Durante quarenta dias e quarenta noites, Jesus está no deserto, sozinho com Deus, seu Pai. Lá, talvez, Ele aprende a depender somente de Deus e de Deus só. Do fundo do seu ser, na oração, dialoga com seu Pai e recebe graça e amor para realizar sua missão no mundo: levar a Boa Nova aos pobres e confrontar tudo o que se opõe à vida e ao amor que Pai quer para o mundo no qual vivemos. No fim, após estes quarenta dias de preparação para sua missão, Jesus é tentado pelo diabo. As três tentações que ele propõe a Jesus são as grandes tentações às quais a humanidade continua a ser confrontada hoje.

A primeira tentação é de transformar as pedras em pão. A resposta de Jesus é: "Não só de pão vive o homem" (4, 4b). Jesus tem a força de tomar posição contra a armadilha do materialismo. Com a pobreza de seu coração, Ele mesmo enfrenta o diabo.

Na segunda tentação, o diabo mostra a Jesus todos os reinos e os poderes deste mundo, dizendo-lhe: "Se te prostrares diante de mim, tudo isto será teu" (4, 7). Jesus responde: "Adorarás ao Senhor teu Deus, e só a ele prestarás culto" (4, 8b). Jesus orienta todo o amor de seu coração para Deus, seu Pai. Ele encontra força para não deixar o seu coração se dividir. Sua castidade permite-lhe resistir outra vez o diabo.

Na terceira tentação, o diabo coloca Jesus sobre o pináculo do Templo e diz: "Lança-te daqui para baixo" (4, 9b). Em outras palavras, "faz o que eu te digo". Jesus responde: "Não tentarás o Senhor, teu Deus" (4, 12b). Tem bastante força para não fazer senão o que Deus disse, nunca duvidando da sua Palavra nem da sua vontade. Seu dom de obediência sustenta-o na luta contra o demônio.

Minhas Irmãs, os votos que vocês renovaram hoje, são dons que vão de encontro com a cultura atual, as forças que Deus deu a cada uma de vocês a fim de serem mensageiras da Boa Nova, especialmente junto aos Pobres.

A pobreza

A pobreza é um valor que vai ao encontro da cultura que, quando é vivida como um dom, pode nos dar a força de ir contracorrente da sociedade de consumo.

*Os Filhos de Deus assumiu **pobreza** em espírito de abandono ao Pai e como sinal de sua missão no mundo. A seu exemplo, as Filhas da Caridade reconhecem que tudo recebem de Deus. Felizes de não terem outro tesouro senão Ele, dão-lhe graças... (C 30a).*

Somos chamadas a nos estimular mutuamente em comunidade, a viver com simplicidade a fim de que nosso estilo de vida na medida do possível esteja em conformidade com o dos pobres. A simplicidade de vida nos ajudará fortemente a ser solidárias com os pobres que são em geral atingidos pelas pressões do mundo dos negócios. Não temos necessidade de muito para viver, mas do essencial. Nossa simplicidade de vida pode nos ajudar a testemunhar a pobreza no mundo hoje.

A Castidade

O voto de castidade, vivido como um dom pode nos dar a força de ir contra a corrente do hedonismo do mundo atual. É um dom que nos permite ter um coração simples, inflamado de amor por Deus e por aqueles que no-Lo revelam.

*Seguindo Jesus Cristo, as Filhas da Caridade comprometem-se por voto com a vida de castidade no celibato em vista do Reino. Acolhem a **castidade** como dom que liberta seu coração, dilatando-o segundo as dimensões do coração de Jesus Cristo, por uma doação incondicional e uma total disponibilidade ao serviço dos pobres (C 29a).*

A Castidade se expande quando é vivida numa comunidade que se ama e se apóia.

A Comunidade é um lugar de afeição, que favorece o crescimento humano e espiritual bem como a criatividade apostólica. As Irmãs unidas na convicção de um mesmo apelo, acolhem-se mutuamente com estima, respeito e confiança. Esta visão de fé dispõe o coração a uma verdadeira amizade, à aceitação das diferenças...(C 32a).

O amor que nós somos chamadas a ter umas pelas outras, como nos incentivam São Vicente e Santa Luísa, é um apoio ao amor incondicional por Deus. O desafio que nos é lançado aqui é de fortificar os nossos corações para Deus através da amizade em comunidade, mas nos assegurando sempre que a amizade, onde quer que ela seja vivida, é uma experiência libertadora para amar mais profundamente a Deus, amando os pobres.

A obediência

A obediência é dom que, finalmente nos permite fazer a vontade de Deus. É a capacidade de poder escutar o que Deus nos diz, de discernir a sua vontade em comunidade, em relação com o mundo e os acontecimentos diários que ocorrem, mais especialmente na vida dos pobres.

*Toda **obediência** na fé reproduz a atitude do Filho que, para realizar o desígnio de Amor do Pai, fez-se obediente até a morte e morte de cruz (Fil. 2, 8). A seu exemplo e sob a moção do Espírito Santo, as Filhas da Caridade fazem a Deus a oferenda de sua liberdade...(C 31 a)*

Parece-me que para ser capaz de viver bem o voto de obediência, a chave está na capacidade de entrar em diálogo umas com as outras, de escutar atentamente o que Deus nos diz pela experiência das outras, especialmente quando estas experiências se enraízam nas realidades dos pobres. Isso significa também a capacidade de expressar abertamente minha opinião, meus pensamentos, minhas reflexões sobre a ação de Deus em minha vida e, sobretudo, nas minhas experiências de serviços com os pobres.

O serviço dos Pobres

Como podemos ver, para vocês que são membros de uma Comunidade de Vida Apostólica, os votos de pobreza, castidade e obediência estão a serviço da missão da Companhia das Filhas da Caridade, que encontra sua finalidade no voto do serviço dos Pobres. Cada um destes votos ajuda-lhes a viver mais autenticamente o serviço dos pobres: a pobreza pela solidariedade com o pobre, a castidade pela vivência do amor de Deus do qual vocês fazem a experiência através do sofrimento dos pobres e da obediência pelo discernimento da vontade de Deus como aparece nos diversos acontecimentos que ocorrem na vida dos pobres.

Conclusão

Cada voto está então contra a corrente da cultura ambiental, especialmente quando é vivido em um mundo que está a serviço daqueles que têm, com a tendência de marginalizar os que não têm. Minhas Irmãs, a melhor maneira de celebrar os votos que vocês renovaram hoje, é ser solidária com os pobres. Amem os pobres de todo o coração. Dialoguem com eles a fim de que o serviço de vocês seja mais autêntico, serviço digno de serva dos pobres, de Filhas da Caridade.

G. Gregory Gay, C.M.
Superior Geral

PADRE J. ALVAREZ, DIRETOR GERAL

2ª ficha de estudo sobre as Constituições renovadas

VOCAÇÃO E MISSÃO DA COMPANHIA

(7 - 15. 23. 26; E. 7. 14)

I - INTRODUÇÃO

O título e conteúdo deste segundo capítulo das Constituições nos lembram que São Vicente e Santa Luísa repetiram freqüentemente às Irmãs: Deus é o único autor da Companhia. É ele que chama e confia a cada Filha da Caridade a missão de servir os Pobres. Esta verdade tão importante encontra-se em vários textos dos fundadores. Para dar-lhes um exemplo, vou citar um que escolhi entre os que são mais importantes: *“Já vo-lo disse da outra vez; mas como não estavam todas aqui, repetir-vo-lo-ei ainda. Não foi a Senhora Le Gras, não fui eu, não foi o Senhor Padre Portail, foi Deus que deu esse espírito a grandes santas, agora no céu, pois podemos crer que as há.... É Deus o autor das obras, cujo autor se não vê. Nunca tinha pensado nisso, por consequência foi Deus que o fez por si mesmo... Ora, temos de confessar, e é a regra apresentada por Santo Agostinho, que quando se não vê o autor duma obra, é porque foi Deus mesmo que a fez”¹*. Desde o início e ao longo das diferentes épocas da história, esta verdade sempre se impôs.

Este capítulo é tão importante, que seria bom meditá-lo e mesmo aprender de cor certas expressões chaves, porque, com o tempo é um bom meio de assegurar a identidade da Companhia.

Visto sob um outro ângulo, este segundo capítulo é um capítulo - síntese de toda as Constituições, podemos encontrar nele todos os elementos que constituem a identidade da Companhia e que vão ser desenvolvidos ao longo das Constituições. Além disso, o capítulo começa pelo artigo 7 que é uma síntese densa e curta do segundo capítulo.

A fim de facilitar o estudo, vamos continuar a apresentação das Constituições bem como a ordem dos números. Certamente, de acordo com a importância do assunto ou o interesse dos artigos, vamos parar mais tempo sobre alguns artigos que sobre outros.

II – PRINCIPAIS ORIENTAÇÕES DA FICHA

O artigo 7 começa fazendo alusão ao Batismo. Está incluído nas duas fórmulas dos votos. A base dos votos é a renovação das promessas do Batismo. (cf. C. 28b). É necessário

dizer que a consagração batismal é a primeira e fundamental participação na vida de Jesus Cristo. O Batismo é a base de tudo na vida da Filha da Caridade, mesmo se há também outra coisa. Recebendo-o, começa todo um processo de crescimento, progressivamente ele conduz a identificação com Jesus Cristo. Na realidade, os conselhos evangélicos não são outra coisa que uma tentativa de desenvolvimento e de realização na vida, da consagração batismal.

É justamente o que São Vicente dizia às primeiras Irmãs, dez anos após a fundação da Companhia: *“Ó minhas Filhas, se fordes muito fiéis à prática deste modo de vida, sereis todas boas cristãs. Não vos diria o mesmo, se vos dissesse que sereis todas boas cristãs. Não vos diria o mesmo, se vos dissesse que serieis boas religiosas. Para que se fizeram os religiosos e as religiosas, senão para formar bons cristãos e boas cristãs? Sim, minhas Filhas, tende grande cuidado em vos tornardes boas cristãs pela prática fiel das vossas regras. Deus será com isso glorificado e a vossa Companhia a edificação de toda a Igreja”*.²

Na primeira parte do artigo 7a, há uma mudança bastante importante à qual convém parar: o artigo 1.4 das Constituições de 1983 empregava a expressão as Filhas da Caridade *“consagram-se”* falando do serviço de Cristo nos pobres. Agora, em contrapartida há a expressão *“doam-se”*. Esta mesma mudança se vê em outros artigos, como por exemplo, no número 16. A intenção é clara: a palavra *“consagração”* tem vários sentidos, um deles é aplicado a profissão dos conselhos evangélicos que se faz na vida religiosa. É evidente que o sentido deste termo não pode se aplicar às Filhas da Caridade, porque elas não fazem profissão, pois não são religiosas. Certamente, outros sentidos desta palavra podem ser aplicados à Companhia, por exemplo: *“doar-se”*, *“oferecer a vida”*. Portanto, como a palavra *“consagrar-se”* é ambígua, quando se aplica às Filhas da Caridade, as Constituições preferiram a expressão *“doam-se”*. Por consequência, a razão desta mudança é esclarecer a identidade da Companhia na Igreja de acordo com o pensamento dos fundadores.

1. Doadas a Deus (cf. C. 8)

O ponto comum partilhado por todos os fundadores e os santos na Igreja, é a pessoa de Jesus Cristo, vista sob ângulos diferentes. Como nenhum ser humano pode encarnar e abraçar todo o conjunto da sua personalidade, cada fundador descobre e escolhe certas características de Cristo no Evangelho que vai reproduzir mais particularmente e que dará um sentido preciso em toda sua vida e toda sua obra. Vicente de Paulo, tendo feito a escolha radical dos Pobres que contempla em Cristo, ao mesmo tempo em que ele vê Cristo neles, descobre e oferece uma nova maneira de segui-lo.

O alicerce da vida das Filhas da Caridade será ainda mais sólido e característico que elas construirão seu ser e a sua atividade sobre esta Cristologia claramente vicentina. Nesta mesma linha, podemos afirmar que o Cristo vivido e seguido por Vicente de Paulo, transmitido às Filhas da Caridade é o ponto central do seu espírito, de acordo com o que afirma o início do artigo 8: *“A Regra das Filhas da Caridade é Cristo. Propõem-se a segui-lo como a Escrita o revela e descobrem os Fundadores: Admirador do Pai, Servo de seu desígnio de Amor, Evangelizador dos pobres”*.

** “... Propõem-se a segui-lo”*

As Constituições de 1983 falam *“imitar”*, as novas falam de *“seguir”*, por que esta mudança? Do ponto de vista teológico e exegetico, *“seguir”* Cristo tem uma ressonância mais dinâmica e mais comunitária que *“a imitação”*, que parece mais estática e individualista. No Evangelho, o próprio Jesus convidava as pessoas a segui-lo (cf. Mt. 4, 19-20; 19, 21; Lc. 5,11). Também, a razão desta mudança é a atualização teológica. A imagem que dá a palavra

"seguir" é sem dúvida alguma a do caminho, para a "imitação", a imagem seria antes um espelho. Indubitavelmente, a primeira expressa melhor esta configuração ao Cristo que toda Filha da Caridade deve procurar. Nos documentos da Igreja a mudança é perceptível. Vejam, por exemplo, o número 18 de *Vita Consecrata*.

* **"... tal como a Escritura o revela".**

Facilmente, podemos reencontrar as passagens da Escritura onde Vicente de Paulo firmou sua Cristologia:

- Em São João: *"O meu alimento é fazer a vontade do meu Pai"* (Jo. 6, 38; 7, 17-18). O lava-pés (cf. Jo.13,1-17). A união inseparável entre o amor de Deus e o próximo (cf. I Jo. 4, 19-21).

- Em São Lucas: O Messias enviado para evangelizar os pobres (cf. Lc. 4-5). Os diversos milagres realizados em favor dos pobres (cf. Lc. 8-9).

- Em São Mateus: *"Tive fome e me destes de comer"*. São Vicente medita várias vezes na identificação de Jesus Cristo com os pobres e marginalizados (cf. Mt. 25, 31-46)

- No apóstolo Paulo: a "kénosis", despojamento, rebaixamento de Cristo (cf. Fil. 2, 6-8).

* **"... e o descobrem os Fundadores"**. Vicente de Paulo constrói a sua "Cristologia" a partir destas passagens e também de outras. As Constituições expressam por três traços:

"O Cristo, Adorador do Pai". Por trás destas palavras, podemos imaginar Vicente que, ao longo das meditações chega a resumir sua doutrina por esta expressão. Esta característica de Cristo vicentino impele as Filhas da Caridade a considerar Deus como o único absoluto de sua vida. A virtude da simplicidade é também uma consequência desta propriedade, porque é o reflexo de suas vidas que são inteiramente doadas a Deus.

"O Cristo, Servo do desígnio de Amor do Pai". Como a anterior, esta expressão é também um resumo das reflexões de São Vicente sobre Jesus Cristo. O ser e o serviço das Filhas da Caridade vêm deste segundo traço: elas devem ser verdadeiras servas para eles. Está relação com a virtude da humildade, que é a primeira e principal virtude das servas.

"O Cristo, Evangelizador dos pobres". Este terceiro traço é, sem dúvida, o que está gravado no mais profundamente na fé e na experiência de Vicente. É também o que mais marcou a orientação da sua vida e das obras que fundou. Com efeito, o Cristo que mais atrai São Vicente, é o Cristo pobre presente entre pobres, enviado para anunciar o Evangelho de preferência aos pobres. Os Vicentinos, continuando a missão de Jesus Cristo, são portadores de boas novas para os pobres. A virtude da caridade brota deste terceiro traço, nós duvidamos disso muito facilmente. Ele nos reenvia ao mesmo amor de Jesus Cristo que impulsiona as Filhas da Caridade a servir e evangelizar vivendo "em estado de caridade".

Nós terminaremos o comentário deste artigo 8b das Constituições com estas duas observações:

* **"Para segui-lo e continuar sua missão..."**. A expressão "mais de perto" foi suprimida porque, ainda que Concílio Vaticano II e a exortação *Vita Consecrata a* empreguem, nos dois documentos ela se aplica à profissão dos conselhos evangélicos da vida religiosa. A maneira de seguir Jesus Cristo na Companhia é expressa perfeitamente em síntese no artigo 7a. Esta maneira de seguir é realmente "mais de perto".

Com estas palavras "mais de perto" das Constituições de 1983 (cf. C.1.5), podíamos pensar que o conteúdo do artigo 7 não era suficiente, e por isso, era necessário acrescentar algo mais. Os Conselhos Evangélicos que as Filhas da Caridade assumem por voto, confirmam o que elas já são, e são feitos em vista da missão. Finalmente, esta expressão foi suprimida porque convém melhor à vida religiosa, além disso, não vai bem com espiritualidade vicentina e a identidade da Companhia.

Diferença entre conselhos evangélicos e votos (cf. C. 8b, c)

Os Conselhos Evangélicos têm uma relação direta com o fato de seguir Jesus Cristo. Eles têm por objetivo nos configurar ao Cristo pela identificação das quatro atitudes primordiais: a obediência ao Pai, a pobreza, a castidade e o serviço dos pobres. Neste sentido, os conselhos são mais importantes que os votos (em relação ao que eles abrangem). Eles se assemelham muito às virtudes correspondentes. São Vicente quando fala deles, emprega os termos de "máximas evangélicas" e "se revestir do espírito de Jesus Cristo". O voto é uma maneira de assumir os Conselhos Evangélicos (eles podem ser assumidos também através de promessas, ou por bons propósitos...). Os votos são considerados na Igreja, como o compromisso mais sério que é feito diante de Deus para realizar o que foi prometido por este ato. É como uma aliança entre Deus e quem faz o voto; uma aliança que, pela sua natureza requer a fidelidade à palavra dada.

2. Em Comunidade (cf. C. 9)

Falaremos da vida comunitária em detalhe quando virmos os artigos 32-37 das Constituições e os números 19-24 dos Estatutos. Este artigo 9 apresenta três realidades: a dimensão comunitária é um elemento constitutivo da identidade da Companhia. Em segundo lugar, a dimensão comunitária se encarna na comunidade local, daí a sua importância na vida da Companhia. O artigo 34 das Constituições completa esta idéia, afirmando que "*a comunidade é o primeiro lugar de pertença das Filhas a Caridade*". Por fim, este artigo 9 afirma que a comunidade orienta-se, e existe em vista da missão. Alimenta e dá um sentido à vida de comunidade.

Vejamos algumas pequenas mudanças:

* "*Esta vida comum e fraterna é vivida na comunidade local...*" "*é vivida*" ao invés de "*realiza-se*" como diziam as Constituições de 1983. Certamente, o verbo "viver" expressa melhor o que queremos dizer do que o verbo "realizar". Ao substantivo fraternidade corresponde o verbo "viver".

* Na vida de comunidade as Irmãs "*acolhem-se*" em vez de "*colaboram*". A comunidade, antes de ser uma equipe de trabalho onde se busca a colaboração, é sobretudo um grupo que partilha a vida. A primeira coisa é portanto acolher-se mutuamente. A colaboração é um aspecto do acolhimento. Deve ser feito "*com simplicidade de coração*", é uma referência clara da virtude específica da simplicidade.

3. Para servir o Cristo nos Pobres (cf. C. 10 a 15)

O antigo título dizia apenas "*para o serviço dos Pobres*". No novo título há também o "*Cristo*". A formulação é muito mais completa e mais exata. O serviço de Jesus Cristo na pessoa dos pobres é o traço que caracteriza mais a identidade da Companhia na Igreja. Temos aí a unidade de vida da Filha da Caridade, sem dicotomia nem separação, porque na

espiritualidade da Companhia, o Cristo e os pobres, a contemplação e a ação, a oração e o serviço..., são elementos que estão ligados estreitamente.

A fórmula "*servir Cristo nos pobres*" traduz de maneira mais precisa a "mística do serviço", esta expressão resume bem, o pensamento vicentino. Por outro lado, não seria uma exageração afirmar que esta maneira de compreender a perfeição e de aspirar a uma maior santidade, São Vicente compreendeu-a meditando as passagens bíblicas como o capítulo 25 de São Mateus, o capítulo 13 do Evangelho de São João (lava-pés), os capítulos 3 e 4 da primeira carta de São João (união indissociável do amor de Deus e do próximo), o capítulo 2 da carta de São Tiago (a fé e as obras) e o capítulo 13 da primeira carta aos Coríntios (a primazia da caridade).

O artigo 10 das Constituições nos recorda precisamente a "mística do serviço" que consiste em ver os pobres com os olhos da fé, ou seja, sabendo exatamente para que, por que e como as Filhas da Caridade servem os pobres. São Vicente tinha o hábito de se referir a esta mística da ação quando falava em "*virar a medalha*" para ver a outra face dos pobres. A expressão "*vêem Cristo nos pobres e os pobres em Cristo*" (C. 10b) resume bem a mística vicentina que tem raízes muito bíblicas. Foi Mateus no seu capítulo 25 que melhor desenvolveu esta visão interior dos pobres. "*Ver Cristo nos pobres*" nos conduz a rezar e a contemplar de uma maneira específica, apresentando a Deus Pai e ao seu Filho Jesus Cristo as situações e as necessidades dos pobres. A mística vicentina harmoniza "oração - ação", dois extremos que parecem opor-se. É uma maneira de ser e agir que é diferente da de outras famílias na Igreja, alimenta-se continuamente da ação própria. Naturalmente, as Constituições refletem esta espiritualidade como um objetivo a realizar.

...Todos os pobres

O artigo 11 é um exemplo de equilíbrio a respeito da finalidade da Companhia na Igreja: todas as pobreza são boas para a vocação das Filhas da Caridade. Literalmente o texto diz: "*Não há misérias que lhes seja estranha*". Certamente, haverá situações onde será necessário fazer escolhas entre os diferentes tipos de pobreza. Também, quando for necessário decidir, o primeiro critério para fazê-lo não será a proximidade, nem a especialização ou outro critério, mas "*os verdadeiramente pobres*" (cf. C. 11b). Tal é o critério que, como uma estrela polar, deve sempre guiar a Companhia. Esta se manterá sempre em atitude dinâmica de busca, para não perder a sua orientação. É o objetivo da revisão das obras. Este artigo convida a Companhia a continuar em alerta porque os pobres, os sinais dos tempos e as orientações da Igreja são meios dos quais dispõe a Companhia para descobrir a vontade de Deus a seu respeito.

Os pobres são chamados "*irmãs e irmãos sofredores*" (C. 11a). As Constituições de 2004 acrescentaram o feminino "*e irmãs*" que não estava nas Constituições precedentes. Esta linguagem inclusiva sublinha a igualdade dos sexos, esta maneira de expressar-se aparece na atual sensibilidade cultural de numerosos países. Certamente, se a linguagem masculina é a única mencionada, isto não quer dizer que a igualdade dos sexos é negada, mas que está subentendido na expressão.

...por toda parte (Secularidade da Companhia)

O artigo 12 inclui o famoso texto de São Vicente conhecido como a "Carta magna". Colocando-a neste contexto, as constituições querem fazer surgir a mobilidade e a disponibilidade para o serviço, o que é incompatível com a clausura. É desta maneira que é necessário interpretar o primeiro parágrafo do artigo que estamos comentando. A grande

Carta e também os escritos dos fundadores incluídos no texto constitucional, sublinham o caráter secular da Companhia. Para São Vicente e Santa Luísa, o que isto quer dizer? Para dar um exemplo, citamos estes dois textos dos fundadores: “As Filhas da Caridade não são religiosas, mas Filhas que vão e vêm como secular”⁴. “Eu visitei duas ou três vezes o Grande Vigário para lhe fazer entender que éramos apenas uma família secular”⁵.

A insistência dos fundadores em se distinguir da vida religiosa deve-se a duas razões: era necessário salvaguardar o objetivo da Companhia, ou seja, o serviço dos pobres. Sabemos que no tempo de São Vicente, a vida religiosa compreendia a clausura, e esta era incompatível com o serviço dos pobres. Há também outra razão pela qual São Vicente insiste no caráter secular da Companhia: para manter seu espírito específico. “É necessário que saibam a diferença que há entre a vossa Companhia e muitas outras que fazem profissão de assistir aos pobres como vós, mas não da maneira usada entre vós”⁶.

Quando falamos de secularidade, não falamos de modo algum em diminuir as obrigações da sua vocação. A secularidade não quer dizer secularismo, nem do ponto de vista das idéias nem dos comportamentos. Escutando São Vicente, nos daremos conta que se trata exatamente do contrário: “Ora, não há ninguém que ande tanto no meio do mundo como as Filhas da Caridade, nem quem tenha tantas ocasiões de se encontrar com o mal, como vocês... Portanto, é absolutamente necessário que sejais mais virtuosas do que as religiosas. Se elas têm de alcançar um grau de perfeição, as Filhas da Caridade tem de alcançar dois, porque estais sempre em perigo de vos perder, se não fordes virtuosas... vocês não são religiosas de nome, mas deveis sê-lo de obras, e estais mais obrigadas do que outras à perfeição”⁷. É claro que o caráter secular da Companhia não diminui em nada as exigências que compreende uma maneira radical de seguir Jesus Cristo. Tem por objetivo o ideal evangélico, não se contenta com um *minimum*, nem se instala na mediocridade. Em outros termos, a perfeição da caridade é também elevada para uma Filha da Caridade como para qualquer outro consagrado na Igreja. O que muda é a maneira de viver aspirando-a.

Sabemos bem que, por um lado, os fundadores defendiam a Companhia para que guardasse este estado de não pertença à vida religiosa, por outro lado não tinham nenhum escrúpulo de copiar certas práticas da vida religiosa como, por exemplo, a vida de oração e de comunidade, o sacrifício e a ascese, o silêncio e o recolhimento, a pobreza, a castidade, a obediência... É contraditório? De forma alguma. São Vicente propunha às Filhas da Caridade as práticas que podiam ajudá-las a viver sua vocação, ainda que um bom número dentre elas viesse da vida religiosa. É exatamente o que é dito nas Constituições, no primeiro parágrafo da página 35, no pensamento de Santa Luísa.

Quando nós nos interrogamos sobre uma prática para viver a nossa vocação, não é porque que pertence ou não a um outro grupo eclesial, mas é a secularidade que nos impulsiona. Ela mantém a Companhia com os olhos fixos sobre o objetivo, flexível e aberto em relação aos meios, que serão os que melhor convêm em cada momento da história para responder à vocação. Podemos dizer que estamos num processo contínuo de discernimento, isto nos evita cair na rotina que entranha a repetição e a monotonia. Os novos tempos pedem mudanças adequadas para melhor responder à vocação.

“Não peço que os tire do mundo, mas... eles não são do mundo” (Jo. 17, 15-16). Esta citação evangélica bem conhecida ilumina, em último caso, o princípio da secularidade da Companhia. “Estar no mundo” significa trabalhar no seu seio, fazer tudo por aqueles que sofrem, ser luz, sal e fermento, ter bastante sabedoria para saber se inculturar... *eles não são do mundo*”, esta frase nos convida a não nos deixar enquadrar pelos critérios do mundo, viver os bens deste mundo e, ao mesmo tempo a ser desapegados... A dialética de uma e de

outra não é sempre fácil realizar, é a dialética característica da secularidade. Quem encarnou à perfeição a dialética de viver no meio mundo sem ser do mundo, a dialética da secularidade? Jesus Cristo. Finalmente, se queremos saber o que é secularidade na Companhia, devemos contemplar a pessoa de Cristo no Evangelho. É lá que nós podemos compreender a secularidade, na relação com as pessoas e com o mundo. É para isto que São Vicente nos convidava a nos "*revestir de Jesus Cristo*". É por isso que ele dizia que a vocação da Filhas da Caridade consiste a ser boas cristãs". É por isso que as Constituições dizem que "*a Regra das Filhas da Caridade, é Cristo*" (C. 8). Na medida em que as Filhas da Caridade se identificarem com Ele: Saberão se encarnar, se comprometer, se doar na sociedade do seu tempo, e, continuar ao mesmo tempo livres; da mesma maneira compreenderão e viverão como é necessário a secularidade. "*Pai... eu não te peço para tirá-los do mundo, mas livrá-los do Mal*" (Jo. 17,16), é o que Jesus pede ao seu Pai para os seus discípulos. É também talvez a oração, hoje, de São Vicente ao Pai para todas as Filhas da Caridade que formam a Companhia.

...Com espírito evangélico

As virtudes evangélicas de humildade, simplicidade e caridade (C.13-14) são as três atitudes que melhor traduzem o espírito da Companhia. Estas três virtudes provêm da contemplação do Cristo vicentino (cf. C. 8), e fazem da Filha da Caridade uma "serva dos pobres". Este tema será o da próxima ficha onde apresentaremos o 3º capítulo.

... sob a proteção de Maria (C. 15. 23. 26; E. 7. 14)

Nesta parte, vamos ver todos os artigos das Constituições e Estatutos que falam de Maria. Os números estão citados ao lado do título. Os três artigos das Constituições são um resumo da experiência e da doutrina dos fundadores sobre Maria. Foram enriquecidas também com a doutrina do Concílio Vaticano II no capítulo VIII da Constituição dogmática "*Lumen Gentium*", a exortação apostólica de Paulo VI, *Marialis Cultus* e a marca profunda das aparições de 1830 na história da Companhia. Este último traço aparece sobretudo no Estatuto 14. Para completar este quadro sobre Maria nas Constituições, é necessário mencionar também estas três alusões: no fim das duas fórmulas dos votos, pede-se a intercessão de Maria (cf. C. 28b). As Irmãs colocam a sua confiança em Maria para viver a castidade (cf. C. 29d). Na formação inicial, há uma linha específica para falar da devoção filial à Virgem Maria. (Cf. C. 52 c).

O artigo 15 começa por recordar por que a devoção Marial é fundamentada em Jesus Cristo: "*Quem procura seguir Jesus Cristo, encontra aquela que o recebeu do Pai*". A espiritualidade de Vicente e de Luísa é profundamente Cristocêntrica. Apresentam a figura de Maria apoiando-se sobre esta base Cristológica e trinitária. Por outro lado, a devoção marial dos fundadores é realista, prática, sóbria, equilibrada e sólida, nada de sentimentalismo estéril nem de intimismo espiritual tão freqüentes à sua época. A devoção marial dos fundadores não se reduz a uma simples admiração, eles a encaram como uma imitação profunda.

O artigo 15b, contém os 3 mistérios da devoção marial da Companhia extraídos da doutrina dos fundadores. Nele descobrimos as atitudes que devem ter as Filhas da Caridade no seu dom a Deus no serviço dos pobres.

"A Imaculada, totalmente aberta ao Espírito...". Neste mistério, São Vicente contempla Maria como o templo e a digna morada da divindade, "*cheia de graças*", "*isenta de todo pecado*", "*toda receptiva*"⁸. É um exemplo para as Filhas da Caridade, para que

estejam abertas ao acolhimento de Deus, que deixem-se invadir pela graça esvaziando-se de si mesmas. É a finalidade das virtudes da humildade e da pureza.

O mistério de Maria que Santa Luísa contempla de preferência é o da Imaculada Conceição. Nas suas reflexões, a tendência um pouco mística, sobe até ao mistério da Santíssima Trindade que ela louva e agradece “*a eleição que fez da Santa Virgem para estar tão estreitamente unida a sua Divindade*”⁹. Contempla Maria na sua relação com as três Pessoas divinas: “*Filha muito amada do Pai, Mãe do Filho, e digna Esposa do Espírito Santo*”¹⁰. Sua Conceição Imaculada é a causa de todas as outras prerrogativas que ornaram Maria e faz dela a obra prima da onipotência de Deus na natureza humana.

“*A Serva, humilde e fiel dos desígnios do Pai...*”. Esta segunda atitude perpassa toda a vida de Maria e se torna sua característica mais importante. Os fundadores pensavam nela quando contemplavam o mistério da Anunciação como um momento único na história onde Maria acolhe o plano salvífico de Deus e se dá inteiramente a Ele, aceitando ser a mãe do Verbo Encarnado. As Filhas da Caridade, pelo seu dom total a Deus, imitam a “Fiat” de Maria e colaboram com o plano salvífico de Deus que se dirige antes de tudo aos pobres. As Irmãs expressam esta adesão vital ao mistério da Encarnação, na festa da Anunciação, desde o ano de 1642, a pedido de Santa Luísa.

“*A Mãe de Deus, Mãe de misericórdia e esperança dos pequenos... Mãe da Igreja e única Mãe da Companhia...*”. Neste terceiro mistério, o título que retorna é o de Mãe. São Vicente nos deixou numerosos textos mariais em forma de oração de conclusão de algumas conferências e algumas cartas. Aí, freqüentemente propõe Maria como a Mãe que intercede e como um modelo para os vários aspectos da vida espiritual e apostólica. Insiste particularmente na confiança com a qual deve-se recorrer a ela.¹¹

Por sua vez, Santa Luísa compõe orações e escreve meditações sobre Maria¹². Sublinha a escolha que Deus fez da sua Mãe e que, por esta razão, atribuiu-lhe muitas graças. A peregrinação à Chartres, que realizou em 14 de outubro de 1644, é a expressão de uma confiança total na intercessão e mediação de Maria para obter de Deus a graça da fidelidade e pureza. É assim que a nomeia “*única Mãe da Companhia*”¹³.

O artigo 23 das Constituições afirma que Maria é para as Filhas da Caridade “*mestra de vida espiritual*”. Na realidade, ela o é verdadeiramente se pensamos que nela, elas descobrem e aprendem as virtudes de simplicidade, humildade e caridade, pela contemplação respectiva dos mistérios de sua Imaculada Conceição, da Anunciação e da Visitação.

Mas a devoção marial não se constitui somente de princípios sólidos, teologicamente bem fundados. É necessário ir às práticas concretas. É o que apresenta o Estatuto 7. As práticas tradicionais do terço e do ângelus, os nossos fundadores os empregaram. Se bem, que estas mesmas práticas são recomendadas no Estatuto citado, mas com um detalhe particular: é a oração dos pobres, é a contemplação da atitude de serviço de Maria no mistério da salvação. Com a oração “Santíssima Virgem”, as Filhas da Caridade se unem à devoção marial de Santa Luísa, pedindo por intercessão da Imaculada Virgem Maria a fidelidade à vocação e ao espírito da Companhia. É de propósito que estas práticas, colocadas no artigo 2.16, das Constituições de 1983, estão agora no Estatuto 7 da nova redação. Esta mudança significa que as práticas concretas de devoção, em relação com as épocas e as culturas, podem mudar mais facilmente do que os princípios que as inspiram¹⁴.

No artigo 26, fala-se do “*caráter marial da Companhia*”. Que quer dizer esta expressão? Que a Companhia inteira, ou seja, cada uma das Filhas da Caridade é herdeira do

tesouro espiritual transmitido pelos Fundadores. Esta herança espiritual deve ser conservada, atualizada e aumentada na medida do possível. Nesta herança, esta espiritualidade específica, encontra a devoção à Maria, e se ela desaparecesse o nosso carisma vicentino se empobreceria. Maria não pode faltar na espiritualidade que anima a Companhia, assim como não pode faltar na Igreja. Há 25 anos, Mère Rogé falava do caráter marial da Companhia nestes termos: “*Da mesma forma que a Igreja não pode conceber-se sem Maria, como nos é dito freqüentemente, a Companhia também não pode ser concebida sem Maria. É a única Mãe desde a fundação, pela confiança mesmo de Santa Luisa e São Vicente. Uma Filha da Caridade que negligencia a oração à Maria, que não toma como referência a vida da Virgem Maria, humilde Serva do Senhor, está em perigo de perder sua vocação*”.¹⁵

O Estatuto 14 é uma conseqüência lógica do princípio que acabamos de ver para o artigo 26 das Constituições: se a devoção marial faz parte da espiritualidade vicentina e da vida cristã, será necessário trabalhar para propagar esta devoção. O Estatuto dá dois meios para isto: a Medalha Milagrosa e as Associações Mariais. Na realidade, a devoção marial dos fundadores foi enriquecida pelos acontecimentos de 1830, que Santa Catarina Labouré viveu na capela da rua do Bac. Eles foram tão determinantes para a Companhia que, nela, a devoção e a promoção da Medalha Milagrosa tomaram o lugar principal como devoção marial.

III - ALGUMAS PERGUNTAS PARA FACILITAR A REFLEXÃO PESSOAL E AS PARTILHAS COMUNITÁRIAS (em comunidade ou no plano Provincial...)

* Após ter estudado com cuidado este capítulo II das Constituições, quais são as afirmações que provocam em você uma reflexão sobre os pontos concretos da sua vida? A que você se compromete?

* Comparar os textos das Constituições de 1983 (cf. C. 1.3 - 1.12; 2.11; 2.7) com os de 2004 (cf. C. 7 - 15. 23. 26; E. 7. 14), quais são as mudanças principais, qual a causa destas mudanças?

* A respeito do Cristo vicentino, o que lhe sugere a expressão “*A Regra das Filhas da Caridade é o Cristo*”?

* Para o artigo 12 (a secularidade a partir da Carta Magna) e a explicação correspondente que está nesta ficha, quais são os aspectos da secularidade que parecem mais importantes?

*As orientações dadas pelas Constituições sobre Maria, ajudam-lhe a viver melhor um autentica devoção Marial?

IV - LEITURAS COMPLEMENTAIRES PARA APROFUNDAR O CONTEÚDO DESTA 2ª FICHA

* Conferência de São Vicente às Irmãs sobre o espírito da Companhia cf.. Coste IX p.591

* JOÃO PAULO II, *Vita Consecrata* n° 28

* F. QUINTANO, *Ser "boas cristãs" na Companhia das Filhas da Caridade, "ecos da Companhia" N° 4 (2001) p. 135 - 148*

- *Fazer o caminho com Maria, "ecos da Companhia" n° 4 (2002) 127 - 137.*

- *A devoção a Virgem na Companhia, "ecos da Companhia" n° 5 (2002) 170 -*

180.

* Pe. Perez Florez, *A Companhia das Filhas da Caridade. Secularidade*, "Ecos da Companhia" nº 10 (1997) 366-377.

P. Javier ÁLVAREZ, *Diretor Geral*
P. Fernando QUINTANO, cm

Notas

¹ Conferência pág. 394-395

² Conferência pág. 82

³ Conferência pág. 4

⁴ Coste VIII pág. 237

⁵ Escritos Espirituais de S. Luísa de Marillac pág. 334

⁶ Conferência pág. 388

⁷ Conferência pág. 874

⁸ Coste IX pág. 1031

⁹ Escritos Espirituais pág. 292

¹⁰ Escritos Espirituais p.694

¹¹ Cf. Coste I p.30; Conferências pág. 73; 354; 409.

¹² Escritos Espirituais pág. 886

¹³ Escritos Espirituais pág.143

¹⁴ Cf. Paulo VI, Exortação *Marialis Cultus*, nº 24, 36.,40, 54.

¹⁵ L. ROGE, às *Irmãs em retiro* (18 de julho de 1980), "Ecos da Companhia", nº 9-10 p. 220

PADRE J. ALVAREZ, DIRETOR GERAL

“VIVER A EUCARISTIA”

Primeira conferência para a renovação 2005

Este ano, nós celebramos o Ano da Eucaristia. Ele começou no dia 17 de outubro passado, no fim do 48º Congresso Eucarístico Internacional que se realizou no México. Terminará no dia 29 de outubro, na 51ª Assembléia Geral dos Bispos, que se realizará no Vaticano durante o mês de outubro e terá por tema a **Eucaristia**. Organizando esta celebração, O Papa desejou alcançar dois objetivos: que a importância da celebração eucarística seja melhor compreendida, sobretudo a do Domingo, e que a adoração seja melhor praticada. No fundo, ele espera que todos os cristãos descubram “*o dom da Eucaristia como uma luz e uma força para a nossa vida diária no mundo*”.

Após o apelo do Papa lançado para toda Igreja bem como as suas duas últimas reflexões sobre a Eucaristia (“*Ecclesia de Eucaristia*” e “*Mane Nobiscum Domine*”), como primeira conferência da Renovação, ofereço-lhes a minha reflexão sobre esta “*fonte de vida espiritual*” que é a Eucaristia, como dizem as Constituições no artigo 19a. O tempo litúrgico da Páscoa é, sem dúvida alguma, um momento propício para refletir sobre a nossa maneira de compreender e viver este acontecimento salvador instituído pelo próprio Jesus Cristo, que se renova e que nos renova todos os dias. O tempo da Páscoa é o tempo da Eucaristia. Por isso, é preciso considerar o episódio dos discípulos de Emaús, no capítulo 24 do Evangelho de Lucas. É justamente com esta narração que o Papa começa a apresentar a Eucaristia na última carta apostólica da qual falamos anteriormente.

A Eucaristia tem laços com os conselhos evangélicos que assumem pelos votos e que renovam cada ano. Não somente porque a renovação se faz durante uma bonita celebração eucarística bem preparada, mas, sobretudo porque é na Eucaristia diária que vocês encontram a força necessária para viver os votos. Retornemos aos dois peregrinos de Emaús. No capítulo 24, Lucas nos diz que após terem encontrado o Senhor, os dois discípulos voltaram correndo a Jerusalém para anunciar aos outros onze, que Jesus estava vivo. Com quais forças eles puderam fazê-lo? Sem dúvida alguma, foi no encontro com o Senhor ressuscitado que eles o reconheceram quando "*tomou o pão, deu a bênção, em seguida o partiu e lhes deu*". Então, seus olhos se abriram, compreenderam e se colocaram a caminho (cf. Lc. 24, 30-35). A Eucaristia é a força e a luz para percorrer uma nova etapa de 365 dias.

EUCARISTIA, CENTRO DA VIDA CRISTÃ

Quando a Igreja fala da Eucaristia, emprega habitualmente palavras adequadas e expressões bem escolhidas. Podemos ver nas seguintes citações: "*Nenhuma comunidade cristã pode construir-se sem encontrar a sua raiz e seu centro na celebração da Eucaristia*" (Presbyterorum Ordinis, 6). "*A Eucaristia é efetivamente a fonte e o ápice de toda evangelização*" (Presbyterorum Ordinis, 5). "*Que a celebração do Sacrifício Eucarístico seja o centro e o ápice de toda a vida da comunidade cristã*" assim fala o Concílio aos Párcos e aos Bispos (Christus Dominus, 30). O "*sacrifício eucarístico, (é) fonte e ápice de toda a vida cristã*" (lumen Gentium 11). "*A Eucaristia é a experiência fundamental da Igreja*" (Os Bispos franceses em seu documento para o congresso Eucarístico Internacional de Lourdes). "*Se negligenciamos a Eucaristia, como poderemos levar remédio para nossa indigência?*" interroga-se João Paulo II na Ecclesia de Eucaristia, nº 60. "*A Eucaristia está no centro da vida consagrada, pessoal e comunitária*" (Vita Consecrata, 95).

As Constituições da Companhia, falando da Eucaristia, fazem-se o eco das afirmações da Igreja: "*Em redor da Eucaristia... centro da sua vida e da sua missão* (as Filhas da Caridade)...." depois "*As Irmãs estão conscientes da importância vital da Eucaristia*" (C. 19b)

Depois de ter escutado a Igreja e as Constituições sobre o que representa realmente a Eucaristia, eu refleti me dizendo que a dicotomia que existe é impressionante, há uma diferença enorme entre o que é Eucaristia, o que é dito neste assunto e a prática das Eucaristias pelos cristãos. Certamente, a Pastoral deve buscar por todos os meios aproximar a realidade do ideal, mesmo que seja difícil. Porque, não se trata de reduzir a Eucaristia, mas de considerá-la tal qual ela é realmente. Para nós, talvez a diferença seja menor, mas eu penso que devemos também nos esforçar para nos aproximar do ideal. São Vicente, quando falava às primeiras Irmãs, já dizia claramente que o aproveitamento depende das disposições pessoais. Escutemo-lo: "*Ide à Santa Missa todos os dias, mas ide com grande devoção... Que pensais fazer nela? Não é só o sacerdote quem oferece o sacrifício, mas também os que a ela assistem; e estou certo de que, quando estiverdes bem instruídas, tereis nela grande devoção; pois é o centro da devoção*" (Conf. página 3).

CERTOS PERIGOS NOS RONDAM EM NOSSAS EUCARISTIAS

Hoje, não é suficiente fazer respeitar as regras. É necessário também avaliar. Depois da ação vem a avaliação, precisamente para melhorar nossos atos. Todos os dias nós celebramos a Eucaristia, mas nós já refletimos sobre a nossa maneira de celebrá-la? A pergunta pode ser uma boa questão para este ano e para este tempo de Páscoa. Mas, antes de responder, pensemos nas incoerências que podem existir, nas falsas idéias que pode haver a respeito da Eucaristia.

O perigo da rotina

A tentação que nos vem pelos atos que se repetem, é a rotina. Vejamos primeiro a repetição, depois consideraremos o perigo da rotina. Por que celebrar com tanta frequência a Eucaristia, se ela possui um valor infinito e definitivo? Porque a nossa capacidade de compreensão da Eucaristia é bastante limitada. A fonte jorra sem parar, mas nós somos obrigados a fazer muitas viagens porque os nossos recipientes são pequenos. Há apenas um sol; Ele nos dá a vida, nos aquece, nos ilumina sem se gastar e sem se esgotar. Cada dia saímos para tomar um pouco de sol porque temos necessidade da sua luz e do seu calor. É a mesma coisa com a Eucaristia: numerosos são aqueles que podem se beneficiar do seu valor infinito.

O risco da repetição diária, é gerar a rotina. Esta nos coloca na superfície da Eucaristia, certamente, sem perder nem as formas nem as atitudes. Estamos de corpo presente, mas o nosso espírito está longe, ou pelo menos estamos distantes que não assumimos compromisso. A rotina faz da Eucaristia uma vitrine à vista ou uma peça de teatro bastante conhecida. Quando a Eucaristia não nos transforma, quando ela não vem a ser um estimulante para continuar a dar vida, é porque nos revestimos do “impermeável” da rotina.

Como vencer a rotina e a banalização que ameaçam a Eucaristia de todos os dias? São Vicente já havia tomado consciência disto, podemos ver no que diz ao Padre Gautier, Superior de Richelieu: "*Pedi e pedirei ainda a Nosso Senhor que Ele lhe dê sempre novas disposições para o Sacrifício, e a graça de nunca oferecê-lo por hábito*" (Coste III p.297). Quando fala às Filhas da Caridade dá-lhes o remédio para se desfazerem desta rotina que pode existir, ou "hábito" como ele diz: "*estou certo de que, quando estiverdes bem instruídas, (sobre a Eucaristia) tereis nela grande devoção;*" (Conf. página 3). Talvez a chave esteja aqui: ter um certo conhecimento e se alimentar dela, viver cada uma das partes, que compõem a Eucaristia, com o sentido que lhe é próprio. Por exemplo, o **ato penitencial** deve expressar a conversão e a reconciliação para entrar na Eucaristia com um coração purificado; a **Liturgia da Palavra** é a proclamação e a atualização das Obras e dos sinais de Deus na história da salvação; na **apresentação das oferendas**: por estes dons que vão ser consagrados, nós repetimos o nosso acolhimento e a nossa disponibilidade aos planos de Deus; quanto à **oração Eucarística**, devemos vivê-la como o memorial da Ceia, da morte e da Ressurreição de Jesus Cristo, como um momento de louvor e bênção, como uma ação de graças que a Igreja apresenta ao Pai pela Obra do Filho sob a ação transformante do Espírito Santo; pela **comunhão** nos tornamos membros de Cristo, participando dos dons apresentados que o Pai nos devolve transformados; a **conclusão** é um outro momento de ação de graças, com a bênção final e o envio.

Se em tudo isto, nós acrescentamos: alguns segundos antes da Eucaristia, para nos recordar interiormente o que vamos celebrar como uma preparação imediata, assim como nos dizia São Vicente, esta oração do poeta espanhol León Felipe se realizará em nós: “Senhor, que as coisas da vida não endureçam nem as minhas mãos nem o meu espírito”. Nós nunca devemos nos “habituar” à Eucaristia.

O perigo da evasão cultural

Trata-se de uma tentação ou de um perigo muito sutil. Consiste em fazer da Eucaristia uma evasão da vida real. Todo mundo sabe que a vida hoje, o serviço e o trabalho são duros e complicados. Nós estamos sujeitos a mil tensões e às vezes, não chegamos a responder o que se espera de nós. Nesta situação, o cansaço, o stress, a apreensão pode nos invadir. No meio de tudo isto, a Eucaristia aparece como um espaço de repouso, para esquecer de tudo, para

saborear a Liturgia e cantar para Deus, sentindo a satisfação de cumprir os deveres religiosos que nos garantem a salvação. Este risco, nós podemos vê-lo na reação de Pedro na Transfiguração: "Mestre, é bom estarmos aqui; façamos, pois, três tendas,..." (Lc 9,33), e esqueçamos o resto do mundo, deve ter pensado Pedro. Felizmente que não ousou dizê-lo.

Por que há perigos para nossas Eucaristias? Porque a celebração perde o seu sentido. Se gozarmos de uma liturgia e de uma celebração bem preparada, ainda bem, mas se esta celebração não nos faz encontrar Deus, reconciliar-nos com os participantes e ser mais solidárias com os marginalizados, permanecemos na superficialidade, mesmo se cantamos bem e se saímos da Eucaristia muito contentes. Ela nunca pode ser uma espécie de anestesia ou de morfina, mas antes um estimulante e um alimento para a vida.

O perigo de separação entre o sacramento do altar e o sacramento do irmão.

Sem a vida, a Eucaristia não é nada. O que se celebra na Capela, é para que isto se torne uma realidade na vida; e, o que acontece na vida, devemos levar ao altar. Estamos, pois, diante dos pontos fundamentais, mais importantes e característicos da espiritualidade Vicentina. O altar está em estreita união com os nossos irmãos, quer estejam na comunidade ou fora dela. "Portanto, se estiveres para trazer a tua oferta ao altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta ali diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; e depois virás apresentar a tua oferta". (Mat. 5, 23-24). As palavras de Jesus são muito claras: a dicotomia entre a Eucaristia e nossos irmãos não é Evangélica.

Esta ruptura se realiza quando a celebração da Eucaristia não chega a fazer desaparecer em nós o egoísmo, o individualismo, quando a injustiça subsiste neste mundo. Vemos que esta dissociação existe como um verdadeiro problema desde o Antigo Testamento, analisando as palavras que o profeta Isaías atribui a Deus: **"Cessai de trazer-me oferendas inúteis... luas novas, sábados e assembléias, não suporto mais festa e solenidade!... Quando estendeis as mãos, eu desvio o olhar. Ainda que multipliqueis orações eu não vos ouço"** (Is. 1, 13-15). A razão desta rejeição aparece em seguida: é porque o culto está vazio e não leva a "fazer justiça ao órfão e defender a causa da viúva" (Is. 1, 17).

DIMENSÕES DA EUCARISTIA

Na Sagrada Escritura e na Tradição da Igreja, há pelo menos cinco modos de designar a Eucaristia. Cada uma deles nos recorda uma das suas dimensões. Certamente, a Eucaristia não tem apenas uma só dimensão, ela é formada pelo conjunto dos cinco.

1. A Eucaristia ou a "Ceia do Senhor"

Quer seja a "refeição", quer seja a "Ceia do Senhor" (cf. 1Cor. 11, 20; At. 2,47; Lc. 22,14...). Evidentemente, a Sagrada Escritura designa a Eucaristia por nomes que se referem a última Ceia de Jesus com seus discípulos, que se realizou num contexto de refeição pascal que os judeus celebram cada ano (cf. Mt. 26,26-30; Mc. 14, 22-26). Lá, eles se recordam das maravilhas que Deus fez para fazer sair o seu povo do Egito. A última Ceia do Senhor foi unida à tradição judaica, mas Ele deu um passo a mais: permaneceu entre nós sob forma de alimento. A partir daquele momento, a Páscoa judaica foi substituída pela refeição eucarística. É o que Jesus "inventou" para nos assegurar o seu amor e a sua presença. "O amor é inventivo até ao infinito" (Coste XI p.146) nos diz São Vicente, exatamente para explicar a permanência

de Jesus Cristo conosco na Eucaristia. Temos aqui, o contexto desta frase que conhecemos muito bem.

O nome da Eucaristia como "refeição" ou "ceia" do Senhor já nos fala de valores como a fraternidade, a convivência, o acolhimento e a amizade mútua. É preciso dizer que comer: não é não somente o ato animal que consiste em ingerir calorias para poder viver. É também partilha e confraternização. Aqueles que se confraternizam devem manter e fazer crescer esta fraternidade. Os primeiros cristãos compreenderam bem este sentido da Eucaristia como refeição de festa que se tomamos juntos. É por isso que celebravam a Eucaristia no contexto de uma refeição material: cada um conduzia o que tinha e o colocava em comum, comiam fraternalmente, e terminavam, sem mais, pela Eucaristia. Esta refeição apagava as diferenças e favorecia a fraternidade. Mas em 55, Paulo se zanga com a comunidade de Corinto porque a Ceia, em vez de ser um ágape onde se partilha, se torna um motivo de divisão: os ricos fazem seu pequeno grupo para deslumbrar e zombar dos pobres. Estes não recebem nada. O testemunho termina pelo contra-testemunho; Paulo denuncia esta situação e afirma-lhes que é melhor não celebrar a Ceia do Senhor nestas condições: *"Quando, pois, vos reunis, o que fazeis não é comer a Ceia do Senhor; cada um se apressa por comer a sua própria ceia; e, enquanto um passa fome, o outro fica embriagado... Que vos direi? Hei de louvar-vos? Não, neste ponto não vos louvo!"* (1Cor. 11, 20-22).

No século II, a Eucaristia se transformou a tal ponto que a refeição material que lhe servia de suporte foi suprimida. Permaneceu apenas a Eucaristia como banquete ritual. O suporte pouco importa. O que é importante é o sentido da Eucaristia como sacramento de fraternidade, de amizade, de comunidade e como laço de união, se não o seu conteúdo se torna vazio. Nós que vivemos em comunidade, devemos nos perguntar se Eucaristia nos ajuda a sermos mais fraternos. Receber o corpo de Cristo, sem estar unido aos membros que formam o seu Corpo místico é, sem dúvida alguma, um contra-senso. Igualmente o ato penitencial do início da celebração e a oração do Pai Nosso ("perdoa-nos... como nós perdoamos") e o sinal da Paz, todas estas partes nos orientam para a reconciliação necessária e prévia com os nossos irmãos. A Eucaristia não chama somente a comunidade, mas também a constrói e a sustenta. As Constituições o afirmam quando dizem que *"Esta comunidade vai haurir sua força na fé partilhada, na Eucaristia e no louvor"* (C.33).

2. A Eucaristia, "fração do pão"

Esta segunda maneira de designar a Eucaristia aparece, sobretudo, no livro dos Atos dos Apóstolos: cf.. At. 2, 42; 2, 46; 20, 7; 20, 11... recorda-nos o costume judaico segundo o qual o pai de família é o que distribui o pão aos convidados. Jesus refaz este mesmo gesto na última Ceia (cf. Mt. 26, 26; Mc. 14, 22).

Sob este nome de "fração do pão", e este rito de partilhar e distribuir o pão: quais valores reforçam a Eucaristia? Em primeiro lugar, partilhar o pão é um gesto simbólico de serviço. Na Ceia, Jesus partilhando o pão aos seus discípulos, reconstitui de maneira sintética o que foi a sua vida e o que será a sua morte: "diakonia", "dom", "serviço à humanidade". Os Sinóticos contam a instituição da Eucaristia. O Evangelista João é o único que não o faz. Em vez de narrar a instituição da Eucaristia, João introduz o lava-pés dos seus discípulos, isto é um sinal para nós (cf. Jo. 13, 1-17). Não é aí uma maneira de nos dizer que celebrar a Eucaristia significa se colocar a serviço dos outros?

Mas, dentro desta mesma dimensão há um outro componente: a fração do pão compreende a comunicação dos bens, é necessário partilhar o pão não apenas com os que celebram, mas também com os que não têm nada, quer estejam presentes ou ausentes. No

século II, quando o ágape desaparece da celebração eucarística, os cristãos não abandonam o serviço e a ajuda para com os que estão em necessidade porque compreenderam bem que é uma parte fundamental da Eucaristia propriamente dita. O testemunho de São Justino nos dá a certeza disso: *“No momento do ofertório, cada um traga o que tem para assistir as viúvas, os órfãos, os doentes, os indigentes, os prisioneiros e os estrangeiros: numa palavra, estejam atentos em aliviar todas as necessidades”*. (Apologia I, 67)

Em resumo, a Eucaristia, por este segundo vocábulo, nos recorda a necessidade de servir e partilhar os bens com os pobres. Realmente, a Eucaristia é completamente revolucionária!. É curioso constatar que a Companhia das Filhas da Caridade, que se consagra exatamente para "partilhar e distribuir o pão", quanto ao seu primeiro germe, nasceu justamente no contexto de uma Eucaristia. Era exatamente 20 de agosto (um domingo) em Châtillon. Recordemos brevemente os fatos: Vicente está pronto para celebrar a Eucaristia. A Senhora de Chassaigne lhe fala de uma família pobre da aldeia que está numa extrema necessidade. Vicente muda a homilia para convidar seus paroquianos à caridade. A resposta das pessoas é surpreendente. A partir deste momento, ele pensa em organizar a caridade. Primeiramente institui as Senhoras, e posteriormente, as Filhas da Caridade.

Se vivermos a Eucaristia, ela nos ajudará necessariamente a viver a nossa vocação de serviço, porque é um dos componentes, essencial à natureza da Eucaristia. São Vicente já dizia claramente às primeiras Irmãs: *"A comunhão é uma força para as dificuldades da nossa vida... a oração é muito boa... mas é melhor ainda unir-se a Deus pela sagrada comunhão"* (Conf. p. 333)

3. A Eucaristia, "ação de graças"

A Eucaristia como "bênção" ou "ação de graças" já está presente na Bíblia através de muitos exemplos (cf. Mt. 26, 16-28; Mc. 14, 22-24; Lc. 22, 19-20), mesmo se o nome (Eucaristia = ação de graças) não se generalizou no decorrer do século II. Esta dimensão da Eucaristia estava também presente no ritual das refeições judaicas: a distribuição do vinho e a fração do pão eram acompanhadas de bênçãos e ações de graças, pelo menos nestes dois momentos: na grande oração eucarística e na ação de graças após ter recebido a comunhão.

Para viver esta terceira dimensão da Eucaristia, será necessário rever a nossa idéia de Deus: se para nós, é um ser que ameaça, terrível e perigoso, sentiremos em nós desconfiança e temor. Ou seja, com esta imagem de Deus, tão distante da Escritura, nós não poderemos sinceramente render graças a Deus. Mas, se para nós como para a Escritura, Deus é um Pai que é bom, que vem ao nosso encontro no caminho da vida como o fez em Emaús com os peregrinos, (cf. Lc. 24, 13-35) um pai que nos perdoa desde que abramos nosso coração (Lc. 19, 1-10), então será fácil fazer da Eucaristia um louvor, uma ação de graças e uma alegre adoração. Só a pessoa que compreende as coisas em profundidade será capaz de ser grata porque considerará que tudo vem do amor de Deus. Para ela, será fácil captar os sinais de Deus no mundo e os levar à Eucaristia para fazer dela uma verdadeira ação de graças.

4. A Eucaristia renova o sacrifício de Jesus Cristo.

A Eucaristia renova o sacrifício de Jesus Cristo em um "memorial", que não é somente uma lembrança. *"Fazei isto em memória de mim"* (Lc. 22,19; cf.. 1Cor. 11, 24). A morte de Jesus Cristo na cruz é a maior manifestação do amor de Deus pelo ser humano. *"Deus amou tanto o mundo que lhe deu o seu próprio Filho"* (Jo. 3,16) nos diz João evangelista. Na Eucaristia, não nos recordamos somente de Jesus Cristo morto na cruz e ressuscitado, mas, sobretudo, se atualiza o sacrifício do Calvário. No pão e no vinho consagrado, Jesus Cristo se

oferece ao Pai como Ele o fez sobre a cruz. Em outros termos, a Eucaristia é uma celebração que representa e atualiza o acontecimento fardal da história da salvação: a morte redentora de Jesus Cristo sobre a cruz e a resposta do Pai que ressuscita seu Filho da morte. São Paulo nos recorda: *"Todas as vezes, pois, que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha"* (I Cor. 11, 26).

Assim, a Eucaristia não é uma ação que evoca apenas o sacrifício de Jesus Cristo sobre a cruz. É o memorial que representa este mesmo sacrifício e atualiza hoje a sua graça de salvação.

Para celebrar esta quarta dimensão da Eucaristia, necessitamos de duas coisas: primeiramente, intensificar a fé para chegar a compreender que em cada Eucaristia Deus nos dá a salvação generosamente e gratuitamente. Sem a fé não há Eucaristia, mas a Eucaristia faz crescer a fé. Em segundo lugar, fazemos memória de Jesus Cristo para continuar a fazer o que Ele fazia: "doar-se durante a sua vida" e "esvaziar-se até à morte", de acordo com a expressão do quarto canto do Servo (cf. 53,12). Finalmente, viver esta quarta dimensão quer dizer: correr o mesmo risco que Jesus Cristo, ou seja, suportar as reações, as críticas e os ataques dos grandes deste mundo aos quais a verdade dos pobres e as exigências da justiça de Deus não lhes interessam.

5. A Eucaristia: "comunhão"

"Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim, e eu nele" (Jo 6, 56). *"Eu vivo pelo Pai, também aquele que de mim se alimenta viverá por mim"* (Jo. 6, 57). *"O pão que partimos não é comunhão com o corpo de Cristo"* (I Cor. 10, 16)... Comungar é comer Jesus, entrar em comunhão com ele, "engolir" Jesus. Talvez este último verbo é um tanto ousado, mas na realidade, reflete exatamente o que fazemos comungando. De vez enquanto poderíamos empregar esta expressão para não esquecer o que fazemos comungando.

Que significa para nós esta dimensão de comunhão da Eucaristia? Engolir Jesus quer dizer engolir a sua mensagem, mudar de mentalidade (cf. Mc. 1, 15) em outros termos *"tende em vós... os mesmos sentimentos de Cristo Jesus"* (Fil. 2, 5) Isso significa que devemos adotar suas preferências, suas escolhas, seu estilo de vida, sua maneira de viver, de reagir, de pensar e agir. São Vicente não dizia outra coisa quando nos recomendava a comunhão: *"Um outro sinal infalível duma comunhão bem feita, minhas Filhas, é quando... procuramos fortemente tornar-nos semelhantes a Jesus Cristo nas nossas conversas e costumes"* (Conf. p. 161). A comunhão deve nos conduzir a nos identificar cada dia, cada vez mais, àquele que nós comemos, senão a Eucaristia e a comunhão não servem para nada.

O Padre J. M. Castillo, falando da comunhão, se faz algumas perguntas que podem nos ajudar a refletir: *"Como explicar o fato que uma pessoa possa passar uma grande parte de sua vida comungando cada dia, e depois de vários anos que recebe Jesus na Eucaristia, ela tem sempre os mesmos defeitos que no início e ainda mais, tem defeitos e faltas maiores que quando começou a comungar? Como compreender que tantas graças acumuladas durante tantos anos, não mudou pelo menos um pouco a vida concreta desta pessoa?"*. (J.M. Castillo, *Não há sacramento, a não ser lá, onde há uma experiência de fé*. Sal da Terra 67/11 (novembro de 1979) 739-740).

Não quero terminar este tema sem falar rapidamente de Maria. O Papa a chama a mulher "eucarística" (EDE n° 53), não somente porque ela levou Jesus Cristo em seu seio, mas também porque na comunidade dos Atos dos Apóstolos, quando eles se reuniam para a "fração do pão", ela estava presente, ela incentivava esta comunidade (cf. At. 1, 10-14; 2, 42-

47). A sua força vinha da lembrança do seu Filho ressuscitado e de seu encontro com Ele na Eucaristia. **Santa Maria, ajude-nos a viver a Eucaristia** em plenitude!

OBRIGADO, SENHOR, PELA EUCARISTIA

OBRIGADO, Senhor, pela Eucaristia...

OBRIGADO, Senhor, porque desejaste ardentemente celebrar a Páscoa conosco...

OBRIGADO, Senhor, porque na Ceia partilhaste teu pão e teu vinho, fizeste deles partes infinitas, para saciar nossa fome e nossa sede...

OBRIGADO, Senhor, porque com o pão e o vinho nos dás a tua vida e tua presença em nós...

OBRIGADO, Senhor, porque nos amaste até ao extremo, até ao extremo, morrer pelo outro..., dar sua vida pelo outro...

OBRIGADO, Senhor, porque quiseste celebrar o dom da tua vida, ao redor de uma mesa com teus amigos, para formarem uma comunidade de amor contigo...

OBRIGADO, Senhor, porque nos dissestes para celebrar a Eucaristia em tua memória...

OBRIGADO, Senhor, porque na Eucaristia Tu nos unes em Ti para nos tornar um, Tu nos unes à tua vida, na medida em que estamos prontos a dar a nossa...

OBRIGADO, Senhor, porque em cada Eucaristia podemos celebrar e renovar a nossa vida de comunhão com todos os irmãos que partilham teu pão e teu vinho... e com todos os homens...

OBRIGADO, Senhor, porque diariamente pode ser uma preparação para celebrar e partilhar a Eucaristia...

OBRIGADO, Senhor, porque celebrar juntos a Eucaristia nos leva a partilhar a vida, o trabalho, a dor e a festa...

OBRIGADO, Senhor, porque podemos celebrar a Eucaristia todos os dias...

OBRIGADO, Senhor, porque todos os dias eu posso recomeçar... e continuar o meu caminho de fraternidade com meus irmãos, e meu caminho de transformação em Ti...

ALGUMAS PERGUNTAS PARA FACILITAR A REFLEXÃO PESSOAL E AS PARTILHAS COMUNITÁRIAS

* Leitura meditativa de Jo. 6,1-71; Jo. 13,1-17; Lc. 24,13-35 e/ou a conferência de São Vicente às primeiras Irmãs do dia 22 de Janeiro de 1646 sobre a "santa comunhão" (cf. IX, 229 - 240).

* Os perigos dos quais falamos a respeito da Eucaristia, são reais? Existem outros que não foram citados?

* Entre os componentes da Eucaristia, quais são os que são considerados como os mais importantes?

* Como melhorar a celebração da Eucaristia, no plano pessoal e comunitário?

Padre Javier Alvarez, cm
Diretor Geral

VISITA DOS SUPERIORES

Irmã Wivine Kisu, Conselheira Geral para o Continente africano

Visita à Província de Moçambique

de 16 de outubro a 13 de novembro de 2004

Moçambique, situado em frente de Madagascar, é separado da Ilha pelo canal de Moçambique. O País é banhado pelo Oceano Índico, ou seja, cerca de 25000 km de Litoral. As fronteiras são numerosas: Tanzânia, Malavi, Zâmbia, Zimbábue, África do Sul, Suazilândia, uma parte do lago de Niassa, ou seja 4.500 km de fronteiras terrestres. A população está concentrada, sobretudo no litoral, onde as terras são férteis e mais fáceis para trabalhar e ao redor das cidades. Assim, a densidade varia mais ou menos de 5 habitantes por quilômetro quadrado na região Nordeste (Tête), a 30 na região Norte (Nampula), e aproximadamente 1300 na região Sul (Maputo, a Capital).

Nas onze Casas, as 68 Filhas da Caridade da Província do Moçambique trabalham nas regiões de Maputo ao Sul, de Beira ao centro, de Tête ao Noroeste e de Nampula ao Nordeste. As Irmãs estão a serviço dos doentes, prisioneiros, refugiados, da catequese nas Paróquias, da Educação das crianças na Escola, da Promoção dos jovens (tricô, corte-costura, datilografia...) e da formação das mulheres.

No dia 16 de outubro de 2004, Irmã Wivine Kisu, Conselheira Geral para o Continente Africano, foi acolhida pelas Irmãs da Casa Provincial e as das Comunidades próximas que lhe apresentaram danças de boas-vindas "Hoyo Hoyo".

No dia 17 de outubro, as Comunidades da região Sul do País se reuniram na Casa Provincial para a abertura da Visita. Após a palavra de acolhimento de Irmã Félismina Sambu, Visitadora, Irmã Wivine partilhou sua alegria de estar presente entre nós e nos assegurou a oração e o interesse do Conselho Geral pelo desenvolvimento da nossa Província. Ela nos exortou a continuar o aprofundamento das Linhas de Ação Inter-Assembléias 2003-2009, que nos convidam a entrar num caminho de conversão a fim de viver ainda mais a caridade fraterna que requer um coração aberto e livre". Para ela, "*As novas Constituições são raios de luz que orientam o nosso serviço dos Pobres*". Depois, Irmã Wivine conclui nos recordando que toda Visita é uma graça para a Província, pois é uma passagem Deus na vida das Irmãs: Como diz o salmista: "*Se, hoje, escutais a voz do Senhor, não fecheis os vossos corações*". Durante a Eucaristia de abertura, o Padre nos lembrou o lugar dado pelos Fundadores à vida espiritual para dinamizar o serviço dos pobres. A profundidade da nossa relação com Deus nos permite ultrapassar as dificuldades do serviço e da vida.

De 9 a 25 de outubro, Irmã Wivine reuniu as Comunidades situadas em torno da Capital: a de Xinavane e as da região de Chókwè. Com as Irmãs Serventes, Irmã Wivine refletiu sobre sua missão de animação espiritual e de acompanhamento. Depois com as Irmãs jovens, aprofundou o sentido da consagração. E por fim, com as outras Irmãs, abordou o tema: "como ser serva no nosso mundo de hoje?" insistindo sobre o lugar da oração e da reflexão na nossa vida.

De 27 a 31 de outubro, em Maputo, Irmã Wivine se encontrou com as 4 Irmãs da Comunidade do Alto Maé, as 18 da Casa Provincial e as 4 Irmãs que estão atualmente no Seminário para refletir com elas sobre as Linhas de Ação. No dia 31 de outubro foi a

instalação do novo diretor Provincial, o Padre Armino Baloi, cm. Irmã Wivine entregou-lhe a lista das Irmãs da Província e lhe agradeceu pela sua disponibilidade.

No dia 1º de novembro, a Visitadora e Irmã Wivine foram para o Norte em Nampula, em seguida a Nacarôa. Lá, os empregados e os jovens estudantes as acolheram com cantos bem alegres. No dia seguinte, as aspirantes e as crianças do jardim de infância vieram lhes desejar boas-vindas.

No dia 5 de novembro, Irmã Wivine se encontrou com as Comunidades das regiões do centro de Tête e Beira para refletir com elas sobre o que vivem em comunidade e com os pobres. Em seguida, visitou o Centro de Saúde São José em Mavudzi-Ponte e o Centro de Acolhimento dos estudantes.

No último dia, após ter feito a avaliação com o Conselho Provincial, Irmã Wivine nos animou a continuar a ser corajosas face aos novos desafios de hoje. Juntas, agradecemos ao Senhor este tempo de graça para a Província.

Irmã Elsa Fátima UASSIQUETE
Correspondente dos Ecos

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província da Amazônia – Brasil

Projeto de presença no setor do “Rio Gelado” Região de Novo Repartimento

Na região do Novo Repartimento, as Irmãs da Comunidade Nossa Senhora das Graças estão em missão desde longos anos. Aos poucos, elas sentiram a importância de dar prioridade a um destes setores, situados a mais de 150 km da Comunidade, onde os apelos dos pobres são realmente urgentes. As pessoas deste setor vivem todas as espécies de pobreza: saúde e educação precária, falta de política agrária, rede rodoviária sem comunicação, transportes difíceis, isolamento, violência, insegurança... Apesar de tudo, estas pessoas continuam a se reunir para aprofundar a sua fé e procurar meios de melhorar a sua vida.

Em 2003, a Visitadora, Irmã Eleni Bezerra e o Padre Diretor, visitaram nossa Comunidade, no quadro da Revisão de Obras. Após nos terem escutado com muita atenção, refletimos juntos à carta escrita pelas pessoas deste setor na qual pediam para que as Filhas da Caridade residissem no meio deles. Em seguida, os membros da comunidade cristã mostraram o terreno que haviam comprado para doá-lo às Irmãs a fim de que elas construíssem lá sua casa.

Depois de ter estudado a questão com o seu Conselho, a Visitadora deu o seu acordo e enviou uma nova Irmã para ajudar a responder às numerosas necessidades da missão.

Em **março de 2004**, nossa comunidade se reuniu com os Padres Lazaristas da Paróquia e os responsáveis pela Comunidade Cristã para planejar as atividades da missão e escolher o tema do ano: "Descobrir Jesus como o Caminho, a Verdade e a Vida". Nossa comunidade decidiu viver os primeiros 15 dias em Novo Repartimento e os últimos 15 no Rio Gelado. Esperando ter a nossa casa no Rio Gelado, alojaremos nas casas dos moradores.

No dia **15 de maio de 2004**, como estava previsto, chegamos ao Rio Gelado. Os membros da Comunidade Cristã vieram em procissão nos desejar as boas vindas com flores, velas, bandeirolas, alimentos, sem esquecer a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Poesias, orações, cantos, aplausos, abraços marcaram esta celebração de acolhimento. As crianças ofereceram a cada Irmã uma flor acompanhada de uma bonita mensagem. Rapidamente, depois, nós começamos os cuidados médicos, a catequese, a formação dos catequistas e dos agentes de saúde popular.

No dia 15 do mês seguinte, retornamos ao Rio Gelado para continuar o nosso serviço:

- Cuidados em Vitória da Conquista e na vila de Neteolândia;
- Formação dos responsáveis das comunidades cristãs
- Encontro de Catequese na vila de Neteolândia.

No decorrer dos dias, descobrimos cada vez mais sofrimentos e pobreza neste setor. A construção da nossa futura casa está bem avançada. Graças aos dons, bingos, quermesses, etc, realizados pela Comunidade Cristã com o intuito de angariar fundos. Acreditamos que antes do final do ano de 2004, nós poderemos morar na casa.

Nós agradecemos ao Senhor por nos ter enviado a este setor, distante de tudo. Estamos felizes de poder responder a uma das interpelações das Linhas de Ação Inter-Assembléias de 2003-2009: - "Ir além do caminho já percorrido... Demos, com coragem e com "imaginação criativa da caridade", novas respostas aos apelos que vêm "daqui e dali". A resposta do Senhor se traduziu através da palavra de um dos pobres de "Rio Gelado: "Alguém escutou a voz dos pobres!". Que São Vicente e Santa Luísa ajudem a Província da Amazônia a responder com amor, coragem, audácia e fidelidade os apelos dos pobres no norte do Brasil. Confiamos a Maria, nossa Mãe Santíssima esta nova missão.

Irmã Esmeralda Antônia SAPIN CORRÊA
Correspondente dos Ecos

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Roma **120º ANIVERSÁRIO DA PRESENÇA DAS FILHAS DA CARIDADE NO VATICANO**

Sábado, 11 de dezembro de 2004, na Capela do Espírito Santo da "*Domus Sanctae Marthae*", se realizou uma concelebração solene para agradecer a Deus os 120 anos de presença das Filhas da Caridade no Vaticano. O Cardeal Ângelo Sodano, reconstituiu as etapas mais importantes deste período de história que se estende de 1884 até os nossos dias.

Uma história gloriosa

Para fazer face à cólera que ameaçava numerosas cidades na Itália, o Papa Leão XIII pede a instalação de um hospital perto da Basílica de São Pedro para tratar dos eventuais doentes. Isto há 120 anos.

Mas Roma não foi atingida pela cólera e, em 1891, o Papa Joaquim Pecchi destina o novo hospital ao serviço dos mais necessitados dos bairros do Borgo e do Trastevere, bem

como a assistência dos peregrinos. Lá, começam as páginas de um serviço atencioso junto de tantos homens e mulheres, que, mesmo no embarço, acorriam à Roma. A casa do Papa devia sempre ser a casa da Caridade.

A residência se embeleza pouco a pouco. Em 1901, a eletricidade é instalada e, em 1902, se constrói uma nova Capela. Pedese estender o seu campo de ação para os Padres em necessidade, os Policiais e a Guarda Suíça.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Santa Marta é conduzida a acolher os embaixadores junto a Santa-Sé dos Países com os quais a Itália havia rompido as relações diplomáticas: os Estados Unidos da América, a Grã-Bretanha, a França, a Bélgica, a Iugoslávia e a Polónia.

Após a Guerra, os muros do hospital se abrem para acolher os numerosos Padres chamados pelo Santo Padre a colaborar em sua Secretaria de Estado ou em outros serviços da Santa-Sé. Em 1996, para ir ao encontro das mudanças exigentes dos tempos modernos, construiu-se a residência atual.

Como em Betânia

Durante estes 120 anos, a casa foi animada pelo espírito das Filhas da Caridade. Em 1884, as quatro primeiras Irmãs chegaram com Irmã Louise Lequette, mulher forte e generosa, que em seguida se tornou Superiora Geral. Depois, são muitas as Irmãs que passaram nesta casa. Elas fazem parte desta legião de Filhas da Caridade que, no sulco traçado por São Vicente de Paulo, Santa Luísa de Marillac e Santa Catarina Labouré, consagraram sua vida ao serviço do próximo. Eu mesmo recorde-me com um profundo reconhecimento da ajuda que as Irmãs me prestaram durante os sete anos passados em Santa Marta. Como esquecer, entre outras, o rosto suave da maravilhosa Irmã que foi a Irmã Inês, verdadeira mãe para tantos Padres jovens?

Quero ainda sublinhar o espírito de serenidade que as Filhas da Caridade não cessam de nos comunicar, seu espírito de alegria espiritual que nasce de um coração plenamente consagrado ao Senhor e totalmente aberto aos outros. Além do serviço dos Padres, as Irmãs trabalham também com as crianças e os necessitados, e outras atividades ao serviço dos peregrinos e do Pessoal do Vaticano.

Queridas Irmãs, por todo o bem que semearam entre nós, vocês podem estar felizes em fazer desta casa uma nova Betânia. Por todo o trabalho realizado, que o Senhor seja a recompensa de vocês, e que alimente cada dia a chama de seu amor.

Queridas Irmãs, saibam que o Papa está próximo de vocês e abençoa o trabalho que realizam como já manifestou tantas vezes.

Nós também, Bispos e Padres da Cúria, estamos ao lado de vocês, e nós nos congratulamos pela qualidade de seu serviço. Expressamos também o mesmo reconhecimento a todo o pessoal que colabora com vocês nesta casa.

Avante, pois, num compromisso renovado de acordo com o caminho traçado há 120 anos pelo Papa Leão XIII. Até hoje, este sulco foi fecundo e que continue a sê-lo ainda para o futuro!

Extraído do Site do Vaticano

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província da Bélgica

A criatividade na visita dos doentes

Na qualidade de Visitante de doentes, me pediram para refletir o seguinte assunto: **a criatividade na relação visitante-visitado**. Antes de tudo este assunto me surpreendeu. Com efeito, para mim, a criatividade evoca o artista, o pintor, o escultor, o compositor... Então, é necessário ser um artista para visitar os doentes? Claro que não. Mas então é preciso criar? Se trata então de criar os meios para entrar em relação, mas quais? O Pequeno Larousse relaciona a palavra "criatividade" com a palavra "criação": ou seja a ação de criar algo que não existe... um modelo inédito. E isto referir-se-ia aos visitantes de doentes?

Refletindo sobre este artigo, a palavra "criar" ressoou em mim graça à resposta de Mariette.

Com efeito, como doente, **Mariette** não faz censura à ninguém de seu isolamento. "*As crianças têm sua família, seu trabalho. Eles fazem o que podem*" diz ela. A uma de suas vizinhas que veio visitá-la, saindo lhe diz: "*Agora eu entro em casa me sento diante do meu muro e espero*", Mariette responde: "*Tu não deves te sentir só. Tu deves criar para ti uma vida interior. Assim, serão dois: tu e tua vida interior. E tu já te sentirás melhor*". Esta resposta clara e nítida de Mariette esclareceu a minha preocupação.

De fato, frequentemente, lutamos contra o nosso isolamento tentando assegurar uma presença melhor, de estar o mais possível presente aos outros. Ainda que existam meios no plano político, social, familiar, associativo, para lutar contra o isolamento, diminuir o sofrimento da solidão me parece ser de uma outra ordem. No entanto, eu não via o caminho. Obrigado Mariette! Tu me recordaste que é preciso criar para si uma vida interior de forma a se sentir bem consigo mesmo. É possível visto que tu, tu chegaste a isto. Aí está o segredo da tua serenidade. Esta serenidade da maior idade me parece sempre o mais belo fim do percurso do qual eu posso sonhar.

Visitantes de doentes, não somos nós chamados a **nos unir à vida interior do Visitado** por uma escuta extremamente atenta? A reanimar a chama às vezes asfixiada por muito sofrimento ou preocupações materiais, de pesares, de lamentações ou de culpabilidade? Acompanhar tudo o que pode ajudar o outro a estar bem consigo mesmo? Recordar-lhe o positivo do que ele expressou, o valor de certos fatos vividos que não percebeu? Ajudá-lo a se criar ou recriar, ressuscitar uma vida interior onde, de acordo com a afirmação e a experiência de Mariette, poderá se reencontrar com prazer e nela, talvez descobrir a presença discreta de Deus.

Quando com toda a minha boa vontade, **vou visitar pela primeira vez** uma pessoa doente, sentimentos diversos me animam. Como é esta pessoa? Ela vai me aceitar? Como eu poderia acompanhá-la, ajudá-la? Qual será o nosso assunto de conversa? Mesmo assim, tenho um pouco de medo. Medo de quê? De não estar à altura da situação, é claro. Medo do desconhecido, das minhas reações e emoções... Com efeito, vou encontrar uma pessoa única. Desde o início até o fim do mundo, ela será única. E eu do mesmo modo. (A clonagem é uma ofensa à Criação). Temos a enorme vantagem que não tenha entre nós "contenciosos", conflitos não resolvidos, não ditos, pré-julgamentos. Não houve mal, "mal entendido ou mal expresso, inaptidão ou mau caráter", quer dizer tudo o que, em todo tempo, parasitou as relações. Hoje, encontrando este doente pela primeira vez, nós nos encontramos, ele e eu, diante de uma página toda branca. Que chance para nós!

Talvez nós iremos, ao nosso modo, nos deixar inspirar pelos artistas. Em nossa nova relação, levaremos cada um a nossa cor, aquela da nossa história pessoal, daquilo que pudemos realizar em nossa vida. E misturaremos estas cores para criar um quadro único.

Por ocasião da minha primeira visita a **Pauline**, ela me falou do seu ofício de costureira e me levou na sala vizinha. *Vem ver a foto (em grande dimensão) do vestido de noite em renda que eu fiz para um concurso, e eu recebi o primeiro prêmio! Eu gostava muito do meu trabalho!*". Pauline teve uma infância difícil. Perdeu o seu filho único. Por favor, leiam entre as linhas, é a cor sombria de suas provações. Como cada um, Pauline traz ao quadro as suas sombras e as suas luzes. E a sombra faz sobressair a luz.

Depois, o tempo passou e, escrevendo isto, me vem ao pensamento todas as cores que Pauline colocou na nossa relação: amor ao trabalho bem feito, coragem, tenacidade. E com isso, eu descubro que Pauline continua a se cultivar, entre outras, pela coleção de selos que ama desde 1930: 75 anos de documentação filatélica. "Eu gosto dos meus selos!" disse ela.

Na minha relação com a pessoa visitada, duas coisas exigem um grande espaço:

- as aspirações do outro, seu amor, seu trabalho ou sua família, sua cultura, seus compromissos (sindical, paroquial ou outro)...
- as cores de minha própria vida.

A pessoa visitada e eu mesma, trazemos ao quadro comum que representa a nossa relação, as sombras e as luzes. Ela traz as matizes da sua vida única. E aí eu trago as cores da minha. É bom que o visitante de doentes tenha um pouco de cor na sua vida.

O quadro da relação que criamos juntos permanecerá único para sempre! Penso que aqui, precisamente, reside a criatividade do visitante de doentes que "constrói" alguma coisa que não existia, um modelo inédito. Toda relação é pois, uma criação, senão ela não é relação. Não se diz "criar uma relação"? Assim, sem dúvida, o que tem fé entra no eterno movimento da criação e, nós, visitantes de doentes, unidos ao Criador, prosseguimos modestamente este movimento.

Irmã Marie-Louise DAWAGNE
Filha da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província de Emmitsburg

A energia das Filhas da Caridade,
uma força para mundo

Durante os 20 primeiros anos da minha vida de Filha da Caridade, fui professora. Gostava de ensinar e gostava dos meus alunos. Tive altos e baixos, mas era muito feliz na Comunidade. As minhas Irmãs sempre me apoiaram e me deram muita alegria.

Após estes anos de ensino, fui nomeada Conselheira Provincial. Esta mudança foi difícil, mas eu aprendi progressivamente que escutar era tão importante quanto ensinar. Eu visitei as Irmãs e admirei o trabalho que realizavam nas regiões pobres, e a vida de proximidade com os pobres. Não somente escutei seus problemas, mas partilhei das alegrias missionárias das Irmãs, suas inquietações, seus desejos de fazer o melhor e ainda mais pelos pobres. Elas me falaram também de seus esforços e seus avanços na vida espiritual, o que me estimulou bastante.

A minha vida ainda mudou quando, 8 anos mais tarde, fui nomeada Conselheira Geral para as Províncias de língua inglesa, distribuídas no mundo. Eu era responsável por onze Províncias e seus campos de missão. Para mim, isso significava que era necessário deixar Emmitsburg, partir para Paris, fazer parte de uma comunidade falando francês, uma língua que eu dominava pouco e realizar numerosas viagens.

Meus inícios em Paris não foram fáceis e me causaram muitas lágrimas. Mas eu me recordei do que um Padre me havia dito quando eu era jovem e me coloquei nas mãos de Deus. Quando viajava de um País a outro, um novo mundo de pobreza se abria diante de mim.

Vi as nossas Irmãs trabalhando na Índia, em aldeias muito pobres. Vi a miséria dos campos de refugiados na Tailândia. Encontrei as Irmãs com as vítimas da fome na Etiópia e com Pigmeus abandonados e desprezados do Burundi. Vi ainda o esforço das Irmãs para melhorar a vida das pessoas pobres no meu próprio País, na Inglaterra, na Irlanda, na Austrália, no Japão e nas Filipinas. Minha admiração e o meu amor pela Companhia cresceram durante estes doze anos de viagens, ao mesmo tempo em que, minha confiança em Deus.

No final do meu mandato de Conselheira Geral, fui solicitada para ir ao Taiwan onde havia quatro casas pertencentes a diferentes Províncias. Estas casas desejavam se unir para se tornarem uma Região. Seria longo demais falar a vocês destes 18 anos passados em Taiwan, quero apenas dizer que conseguimos nos unir e, quando eu parti, a Província Chinesa havia crescido.

Durante todos estes anos e estas experiências, a vida comunitária alcançou um bom lugar. As Irmãs continuavam sempre lá para apoiar-me, incentivar-me e dar-me alegria. Minha gratidão a Deus e às Filhas da Caridade é tão grande, que mal posso expressá-la. Espero que jovens ouçam o apelo de Jesus e tenham confiança n'Ele para guiar suas vidas.

Irmã Hilda GLEASON
Filha da Caridade

TESTEMUNHO DAS IRMÃS

Província da França-Sul

Ser Filha da Caridade em Taizé

“Passa-se em Taizé como se passa perto de uma fonte. O viajante pára, se refresca e continua a sua estrada” dizia João Paulo II em 1986. E o Papa João XXIII um dia, saudara o Irmão Roger dizendo-lhe: *“Ah, Taizé, esta pequena primavera!”*

A Comunidade de Taizé foi fundada em 1949. O seu fundador é Roger Schultz, conhecido hoje como Irmão Roger - pastor da Igreja evangélica reformada - que veio a Taizé, Vila borgonhesa, em agosto de 1940. Com alguns Irmãos, fez os votos religiosos: guardar o celibato, reconhecer o Ministério do Prior, viver em comunidade de bens materiais e espirituais.

O grupo, desde o início, tinha o caráter multi-confessional e ecumênico. O objetivo de sua atividade é a oração pela unidade dos cristãos que deve ser o modelo de reconciliação entre todas as nações e religiões. Hoje, 100 Irmãos de 25 Países pertencem à Comunidade:

católicos e protestantes (no início dominaram os protestantes, hoje os católicos são mais numerosos).

A partir do final dos anos de 1950, jovens cada vez mais numerosos começaram a chegar em Taizé. Em 1966, Irmãs de Santo André, uma Comunidade Católica Internacional, vieram morar na Vila vizinha e começaram a assumir uma parte dos trabalhos do acolhimento. Muito tempo depois, algumas Irmãs Ursulinas Polonesas vieram também apoiar o acolhimento dos jovens.

Há alguns anos, o Irmão Roger lançou um apelo à Companhia, para que uma Filha da Caridade assegure uma presença e um serviço junto dos jovens. Austríaca de origem, e ligada, depois de 4 anos, à Comunidade de Châtillon-sur-Chalaronne (Província da França-Sul), eu participo no acolhimento dos jovens, com as Irmãs de duas outras Comunidades.

Do início da primavera ao fim do outono, cada semana, os jovens dos diversos continentes chegam na colina de Taizé. Estão em busca de um sentido para suas vidas, em comunhão com muitos outros. Indo às fontes da confiança em Deus, empreendem uma peregrinação interior que os incentiva a construir relações de confiança com os outros. Algumas semanas no verão, mais de 5000 jovens de 75 Países podem assim ser associados em uma aventura comum. Cada verão, se pode contar com quase 400 voluntários para acolhê-los. E esta aventura continua quando voltam para casa deles: ela se concretiza pela preocupação de aprofundar uma vida interior e pelo compromisso em assumir responsabilidades para construir uma terra mais justa e mais fraterna.

No meio dos encontros, três vezes por dia, a oração comum reúne todos os que desejam louvar a Deus pelo canto e o silêncio. Cada dia, os Irmãos da Comunidade explicam um texto da Bíblia; estas apresentações são seguidas por tempos de reflexão e de partilhas. Os jovens participam nas tarefas comuns: manter as salas, o jardim, a Igreja, fazer a cozinha, assegurar um acolhimento ou um tempo de animação... À tarde, os debates em torno de temas mais específicos permitem ver a relação entre as fontes da fé e a realidade pluralista do mundo contemporâneo: “O perdão é possível?”, “O desafio da globalização”, “Construir uma Europa fraterna”... Há também os temas que tocam a arte e a música.

Muitos jovens são feridos no mais profundo deles mesmos por rupturas de afeição, de abandonos humanos e passamos muito tempo em escutá-los. Sou encarregada de acompanhar, mais diretamente, os jovens voluntários que se comprometem a prestar serviço durante um ano. A saúde deles também me é confiada.

Em Taizé, nós nos esforçamos para viver a unidade entre as diferentes Igrejas cristãs. Acolhidos e respeitados na sua diferença, os jovens apreendem as relações entre a experiência de comunhão com Deus na oração e a reflexão, e experiência de comunhão e de solidariedade entre os homens. Encontrando os jovens do mundo inteiro, aqueles que vêm de Países em guerra descobrem que, os caminhos da unidade podem estar abertos, além das divisões e das violências. Eles fazem a experiência que adversários podem se falar, se perdoar e mesmo se tornar amigos. Após sua estadia em Taizé, os jovens são convidados a viver na casa deles o que descobriram e se tornar pessoas de paz e de unidade. É esta mensagem de esperança que os jovens levam às suas famílias, seus lugares de vida e suas paróquias.

Irmã Maria Ruth MARCHL
Filha da Caridade

PALAVRA DOS POBRES

Quase Província

Patrick, profeta do amor

No mês passado se realizou um grande concurso regional de corridas a pés para as pessoas com deficiência mental. Patrick tinha um grande desejo de ganhar esta corrida, ele

queria ganhar a taça; e ainda tinha fortes possibilidades de conseguir. A partida é lançada. Patrick se lança e ultrapassa rapidamente seus concorrentes. No momento que se aproximava do alvo, ele se volta e vê George, seu amigo mas também seu concorrente, que tropeça e cai por terra. Patrick parou e se voltou para o seu amigo. Levantou George e os dois continuaram a correr, de mãos dadas, até à linha de chegada.

Depois de ter constatado este fato, Francisca disse: *"Na escola, na família, na sociedade, nos ensinam a nos defender, a sermos fortes, agressivos, independentes; a esconder as nossas fraquezas a nós mesmos e aos outros. Tudo nos leva a subir a escala da promoção humana, para ganhar o prêmio, o sucesso, o lucro, a admiração. Neste mundo competitivo e individualista, Patrick nos testemunha outros valores. A vida relacional é o que existe primeiro para ele. Se as pessoas com deficiência mental mesmo que não tenham desenvolvido as mesmas capacidades intelectuais e manuais que as outros, elas são profetas da vida relacional e mestres do amor"*

PALAVRA DOS POBRES

Províncias da França

Declaração das pessoas em dificuldade de elocução e comunicação

A Carta da Associação dos Paralíticos da França diz: *"O ser humano não pode ser reduzido à sua deficiência ou à sua doença, qualquer que sejam"*. Em março de 2004, as pessoas da Associação fizeram esta Declaração:

Nós, as pessoas que não falamos ou que temos dificuldades de comunicação: estamos em situação de deficiência, mas nós estamos em condições de compreender-lhes. Contudo nós desejamos dialogar diretamente com vocês. E temos os meios específicos para fazê-lo: olhares, gestos, símbolos, sínteses vocais, "software", escritos, acompanhadores...

Perguntem-nos como nos comunicamos ou se utilizamos um meio específico.

Para dialogar, coloquem-se diante de nós, ao nosso nível (sentados ou abaixados).

Dirijam-nos a palavra diretamente: não ao nosso acompanhador, sem falar de nós à terceira pessoa em nossa presença.

Dirijam-nos a palavra normalmente: sem nos infantilizar, sem empregar o tu sistemático.

Tomem o tempo de nos escutar ou de decodificar nossas propostas com paciência. Mesmo que não tenham muito tempo...! Façam-nos repetir antes que fazer semblante de compreender, nós nos damos conta disso. Arranjem tempo de silêncio para favorecer o diálogo. Deixem-nos terminar as nossas frases. Peçam-nos regularmente a confirmação exata da compreensão de vocês. Em último caso, nós respondemos com sim ou não as suas perguntas.

Temos às vezes as expressões do rosto ou dos movimentos incomuns. Estes não são sinais de sofrimento ou de agressividade, mas dos movimentos involuntários. Não tenham medo.

Aceitando esta escuta, ativa e respeitosa da pessoa, nós melhoramos a acessibilidade, a cidadania, e tendemos a apagar os efeitos da deficiência. Juntos, criemos relações fortes e duradouras!

NOTÍCIAS BREVES

25 anos da missão na Guiné Equatorial

Em fevereiro de 1980, 18 Filhas da Caridade foram para Micomeseng, na Guiné Equatorial, para apoiar os serviços sanitários do País em cooperação com FERS (Federação Espanhola de Enfermeiras Religiosas) e o Governo Espanhol. Em 1986, é a retirada da cooperação para os leprosos, mas as Filhas da Caridade permanecem no lugar. Este ano, outras Irmãs chegam em Mokom para responder às necessidades das pessoas que vivem na floresta e criar um Posto de Saúde. Esta missão se desenvolveu progressivamente e atualmente, uma jovem filha desta região entrou na Companhia. Está em formação no Seminário Interprovincial de Madrid. (Província de Gijon).

Sessão de estudos Arquivos-Arquivística na Casa-Mãe

"No espírito da Igreja, os Arquivos são tesouros onde a memória das comunidades cristãs é conservada; elas são, ao mesmo tempo, fatores da cultura para a nova evangelização" (Circular sobre a função Pastoral dos Arquivos Eclesiásticos de 2 de fevereiro de 1997).

De 16 a 22 de janeiro de 2005 realizou-se na **Casa-Mãe** uma Sessão de estudos relativo aos Arquivos da Companhia. Além de Irmã Evelyne e do Conselho Geral, as Irmãs do Secretariado e do Economato Geral, as Irmãs tradutoras, seis Irmãs Arquivistas vindas de Colônia, Madrid, de Marseille, Nápoles, Rio de Janeiro de Janeiro, São Louis (EUA) participaram deste encontro com as Irmãs Arquivistas de Paris. Este grupo Internacional de pesquisa tinha por missão organizar o trabalho das Arquivistas Provinciais. Dois peritos deram uma iluminação mais particular sobre o trabalho Arquivístico. O Padre Leroy, OSB, Presidente da Associação dos Arquivistas da Igreja da França, fez uma conferência sobre a Deontologia em matéria de Arquivos Eclesiásticos, e o Irmão Ribault, Irmão do Sagrado-Coração, desenvolveu mais a prática Arquivística e a função da Arquivista. Os trabalhos conduzirão a um manual Arquivos-Arquivística para as Províncias a fim de garantir e uma permitir certa homogeneidade arquivística na Companhia. (Quase-Província).

A caridade é contagiosa

Um pai de família morava sozinho, era asceta. Percebendo-o numa casa de palha, me aproximo dele e o cumprimento. Ele me pergunta de onde eu venho. Depois, ele me explica como vive e porque ele se tornou asceta. Neste momento, ele não tem mais o que comer e se vestir. Regressando à Comunidade, falo às minhas Irmãs. Depois de ter pedido a ajuda dos jovens da Paróquia, decidimos construir junto com ele uma pequena casa de tijolos.

Cada um participa à sua maneira, uns trazem feixes de palha, outro uma porta, etc.... A casa terminada, todo mundo fica feliz. Mais tarde, este homem me diz: *"Senhora, eu vejo que o seu Deus é bom. Você não me conhecia e tem feito tudo gratuitamente para mim! Será que eu poderia vir à casa do seu Deus?"* Eu lhe respondo: *"é claro que sim, esta casa é para todos"*. A partir deste dia, ele começa a freqüentar a Igreja. Algum tempo após, ele fica doente,

cada dia levamos a sua refeição. Os vizinhos se mobilizam para lhe dar de comer, buscar a água e a madeira. Mas a sua saúde se agrava. A nossa Comunidade decide então acolhê-lo numa pequena casa ao lado da nossa a fim de cuidar dele. Pouco tempo antes da sua morte, ele pede para ser batizado e não cessa de render graças a Deus. Sim, a caridade é contagiosa! (Província de Camarões).

Dia de festa da Família Vicentina do Moçambique

No dia 2 de outubro de 2004, os jovens e os adultos da Família Vicentina se reuniram para um dia de festa, na Casa Provincial das Filhas da Caridade. Em Moçambique, a Família Vicentina conta com mais de 1.200 membros (AIC, SSVP, JM, AMM, Misevi, FC, CM). Durante a Eucaristia, todos manifestaram o sentido da partilha para com os pobres. No fim da missa, os dons, oferecidos durante a procissão das oferendas, foram distribuídos aos pobres. Depois, jogos, tómbolas e outras atrações foram organizados para arrecadarem fundos a fim de efetuar as ações de solidariedade. Pertencer a Família Vicentina é escutar os apelos dos pobres, procurar com eles as soluções para suas dificuldades e trabalhar juntos por um mundo mais justo e mais fraterno. (Província de Moçambique).

Família Vicentina

AS JUVENTUDES MARIAIS VICENTINAS

As Juventudes Mariais Vicentinas
um caminho de alegria, confiança,
fé e amor

Qual é a sua história?

Durante as aparições de 1830, em Paris, rua do Bac, a Virgem Maria dirige um olhar cheio de ternura sobre Catarina Labouré. Ela confia-lhe uma mensagem a ser transmitida ao Padre Aladel, CM, seu diretor espiritual: *"A Santa Virgem quer confiar a você uma missão... você será o diretor... é uma Confraria de Filhas de Maria..."*. Reconhecida pelo Decreto do Papa Pio IX, no dia 20 de junho de 1847, este novo Movimento da Igreja vai se juntar e reunir os jovens do meio popular que vivem em situações difíceis devido as duras condições de vida no século XIX na França. O trabalho assíduo de numerosas Filhas da Caridade e o compromisso profundo de milhares de pessoas, trouxeram frutos nestes 157 anos. Ao longo dos anos, a Associação das Filhas de Maria viveu muitas transformações para se adaptar as novas realidades vividas pelos jovens. Ela se tornou a Associação das Juventudes Mariais. A presença dos JM em mais de 65 Países levou os responsáveis a estruturar e coordenar mais a sua ação. O Encontro Internacional de 1997, em Paris permitiu a criação de um Conselho Internacional Provisório com um Secretariado Internacional. No dia 2 de fevereiro de 1999, a Santa Sé aprova os novos Estatutos Internacionais das Juventudes Mariais Vicentinas (JMV). A primeira Assembléia Geral das JMV, se realizando em Roma de 8 a 12 de agosto de 2000, permite fortalecer o compromisso da Associação, repetir sua espiritualidade Marial, ratificar a sua pertença à Família Vicentina.

Quem somos?

Somos cerca de 75.000 jovens pertencentes a este movimento eclesial, leigo, Marial, Vicentino, reconhecido na Igreja devido sua tarefa educativa, sua missão evangelizadora com

o espírito Marial, seu testemunho de vida e seu compromisso no serviço dos jovens, particularmente os mais desfavorecidos.

Qual é nossa missão?

Nossa missão é ajudar os jovens a aprender a viver juntos, aprofundar sua vida cristã e a espiritualidade Marial, comprometer-se em servir os irmãos, particularmente os mais pobres e a colaborar com outros movimentos da Igreja, particularmente, a Família Vicentina para empreender as ações em prol da justiça.

Funcionamento

No plano local: os jovens se reúnem em equipe animada por um responsável. Juntos, aprendem a viver, discutir, rezar e servir; aprofundam o tema do ano escolhido e preparado pela Equipe Nacional. Os responsáveis não estão sozinhos na sua missão de acompanhamento. Eles se encontram regularmente com um ou dois adultos acompanhadores (Padre, Filha da Caridade...). É dada uma formação para ajudá-los em sua missão educativa.

No plano Nacional: cada País tem seu modo de se organizar de acordo com as características da Igreja do País e as dos jovens e escolhe a sua própria denominação: JM ou JMV. A Equipe Nacional tem a responsabilidade de aderir o Projeto da Associação com suas orientações e colaborar com outros para assumir a sua intuição de fundação.

No plano Internacional: a Equipe Internacional compõe-se de um Diretor Geral, um Subdiretor, uma Conselheira Geral Filha da Caridade, um Presidente e 4 membros leigos. Os leigos são nomeados pela Assembléia Geral da Associação (cf. Estatuto Int. art. 2, 17). A equipe planeja a animação da associação e vela pela aplicação do documento final da assembléia geral. O Secretariado Internacional assegura a animação, a comunicação, a organização, a atualização do sítio web e a gestão dos arquivos... Coloca em prática os programas estabelecidos pela Equipe Internacional e a Assembléia Geral. (E. Int. art. 3, 21). Atualmente, a Equipe Internacional prepara a segunda Assembléia Geral da Juventude Marial Vicentina que se realizará em Paris, em agosto de 2005.

É difícil expressar em poucas linhas tudo o que se vive no meio dos jovens que pertencem ao Movimento. Posso dizer que eles andam com Maria, pouco a pouco, num caminho de alegria, de confiança, de fé e de amor.

Gladys Abi-Said
Presidente Internacional das JMV

TERCEIRO CENTENÁRIO DOS LAZARISTAS NA ESPANHA

Celebração do 3º centenário da chegada dos Lazaristas na Espanha

Não é Charles Péguy que dizia que se compreende a história não somente olhando o passado, mas também vivendo o presente e tendo os olhos voltados para o futuro? O que foi vivido durante o encerramento oficial e solene, em Barcelona, da celebração do terceiro Centenário da chegada dos Lazaristas na Espanha, ilustra bem este pensamento.

No domingo, 26 de setembro de 2004, numerosos são os Padres da Missão, as Filhas da Caridade, os leigos da Família Vicentina e uma multidão de amigos a se reunirem na Igreja gótica de Santa Ana, em pleno coração da cidade para uma Eucaristia solene, presidida pelo

Arcebispo de Barcelona, D. Luis Martinez Sistach, e concelebrada por um grande número de Padres, particularmente de Lazaristas. No fim da celebração, todos se reuniram com alegria na Casa dos Padres. Se 8 de julho de 1704 é uma data capital nos Anais da Congregação por ser a fundação dos Lazaristas na Espanha, este 26 de setembro de 2004 se torna também, agora, uma data privilegiada na nossa história. Este dia é o marco de um acontecimento importante para a Igreja e a sociedade Espanhola, mesmo se os meios de comunicação social falaram pouco, enquanto que de acontecimentos menos importantes eles falam facilmente.

Os dias 24-25-26 de setembro de 2004 foram três dias de celebração para recordar o passado, render graças e prever o futuro. Três dias de festa que reuniram cerca de 170 pessoas entre as quais o Padre Grégory Gay, Superior Geral, o Padre José Maria Nieto, Assistente Geral, Irmã Rosa Maria Miro, Conselheira Geral, os Visitadores e os Padres da Missão das quatro Províncias da Espanha, as 9 Visitadoras, os delegados de algumas Províncias da Congregação na Europa (Eslováquia, Polônia, Turim, Roma, Toulouse...), na América Latina (Cuba, México, Venezuela, Argentina...), na África (Eritreia) e dos membros do SIEV.

O programa, bem preparado, foi seguido fielmente num clima de simplicidade e de alegria fraterna, o coração cheio de tantas lembranças de família. Os dias se desenrolaram com uma alternância de oração, de reflexão, de celebração, de encontros fraternos, de animação e previsão do futuro. É necessário sublinhar a preparação cuidadosa destes dias pela Província de Barcelona. Todos os participantes se sentiram “em casa”.

Embora se tratasse de celebrar trezentos anos de vida, de santidade, de trabalho, de evangelização do qual podemos ficar orgulhosos, nós não evocamos somente o passado, nós nos comprometemos em viver o presente e olhar o futuro com humildade, alegria e a certeza de que Deus, o autor da Congregação, cuidará das futuras gerações de missionários. Partilhamos a alegria de pertencer a uma família tricentenária que, de acordo com as palavras de João Paulo II em sua carta ao Superior Geral por ocasião da 40ª Assembléia Geral, "*Há uma grande história a construir*". E nós refletimos sobre estas questões relativas ao hoje e ao amanhã:

- Como responder às necessidades da nossa época?
- Como ser sinal evangélico na nossa sociedade do Século 21?
- Como ser criativos e audaciosos a exemplo destes cinco missionários Lazaristas que semearam a semente Vicentina na Espanha, há 300 anos?

O Manifesto (Declaração), fruto concreto deste terceiro centenário fala do compromisso no Plano Nacional e Internacional; descreve os compromissos significativos para ser "*a nova presença que a Igreja e a sociedade nos pedem hoje*".

Padre Celestino FERNANDEZ, cm

Família Vicentina

SEQÜENCIA VICENTINA

A Seqüência vicentina é um curso por correspondência que tem por objetivo um melhor conhecimento de São Vicente de Paulo e de Santa Luisa de Marillac. Dirige-se a toda pessoa franco-fone, qualquer que seja a sua pertença efetiva ou afetiva à Família Vicentina: Sociedades de vida Apostólica, Comunidades Religiosas ou Associações de leigos, fundados por São Vicente ou o invocam como Patrono. É proposto um tema para reflexão de dois em

dois meses. Uma apresentação curta do assunto é acompanhada de uma proposta de textos à estudar. Cada participante é convidado a redigir um trabalho pessoal, resumindo as suas descobertas e as suas reações. A correção do trabalho pessoal é assegurada, seja por um Padre da Missão, ou seja, por uma Filha da Caridade. Cada participante guarda o mesmo corretor ao longo de todo o ano. Três percursos são propostos:

1. O conhecimento de São Vicente de Paulo

Este percurso é destinado aos que querem descobrir Vicente de Paulo: seu percurso, sua ação, sua espiritualidade. Durante o primeiro ano, é proposto conhecer o homem Vicente de Paulo: as suas origens, as suas buscas, o seu compromisso junto dos pobres. O segundo ano é um aprofundamento da obra de Vicente de Paulo, tentando descobrir as linhas diretrizes da sua ação.

2. O aprofundamento da espiritualidade de São Vicente de Paulo

Os textos a serem estudados são extraídos da correspondência ou das conferências de São Vicente. Durante o primeiro ano são abordados os temas: Jesus Cristo, a Humildade, a Trindade, a Vontade de Deus, a Eucaristia. Durante o segundo ano: o Batismo, a Oração, a Misericórdia, a Simplicidade, a Virgem Maria.

3. O conhecimento de Santa Luísa de Marillac

É pedido a cada participante que faça as pesquisas a partir dos Escritos de Luísa de Marillac. Durante o primeiro ano são estudadas as relações de Luísa de Marillac: com a sua família, as Senhoras da Caridade e os Padres da Missão. Durante o segundo ano são estudadas as relações de Luísa de Marillac: com as primeiras Filhas da Caridade.

Irmã Elisabeth CHARPY
Filha da Caridade

HITÓRIA DA COMPANHIA

Celebrar o 175º aniversário das Aparições de 1830

“A Mãe de Deus invocada e tomada por Patrona das coisas importantes, é impossível que tudo não vá bem e contribua para a glória do bom Jesus, seu Filho...”. Tomado por um profundo amor para com a Mãe de Deus, São Vicente escrevia esta frase, a partir de 23 de agosto de 1617, no Regulamento da Caridade de Châtillon. Formada no movimento da espiritualidade da Escola Francesa, Santa Luísa, também, comunicará às suas Filhas o seu culto a Virgem Maria, de maneira doutrinal e prática. O culto da Companhia a Maria Imaculada tem, por conseguinte, raízes muito profundas. Duzentos anos mais tarde, a Mensagem das aparições à Catarina Labouré virá confirmar e renovar esta profunda relação entre a nossa vocação de Filhas da Caridade e a Mãe de Deus, a Imaculada Conceição. Pela mensagem das aparições de 1830, Maria nos convida a viver na fidelidade ao Espírito e a traduzir a fé profunda e a caridade ativa que nos animam em atitudes e palavras capazes de revelar ao mundo de hoje o seu Filho Jesus.

No entanto, para bem compreender a Mensagem original comunicada à Catarina Labouré, é necessário **levar em conta o conjunto das aparições**: a do coração de São Vicente, as aparições de Nosso Senhor na Eucaristia e as da Santa Virgem. Centrando-nos

unicamente nas da Santa Virgem, nós corremos o risco de não perceber a plenitude da significação.

Neste ano de 2005, o 175º aniversário das aparições de 1830 é, para todas as Filhas da Caridade, um apelo particular a reler estes acontecimentos a fim de aprofundar o essencial da Mensagem e atualizá-lo para hoje. Celebrando estas manifestações do Céu na Companhia, nós nos oferecemos uma nova ocasião de agradecer a Deus por este extraordinário dinamismo de graça para vivê-lo mais.

No dia 21 de abril de 1830, Irmã Catarina Labouré, jovem testemunha das aparições, realiza o seu íntimo desejo de se tornar Filha da Caridade e entra no Seminário da rua do Bac em Paris. Três dias depois, o corpo de São Vicente é transferido solenemente da Catedral de Nossa Senhora de Paris para São Lázaro. As Irmãs do Seminário participam das celebrações da oitava de 25 de abril a 2 de maio de 1830. Três momentos importantes marcarão este período de formação de Irmã Catarina.

O Coração de São Vicente: abril de 1830

Ao regressar de São Lázaro, Irmã Catarina vem com as outras Irmãs do Seminário à Capela e reza diante das relíquias de São Vicente. O autografo revela este momento de emoção:

"Eu tinha, diz ela, a consolação de ver o seu coração acima do pequeno relicário onde as suas relíquias estão expostas. Ele me apareceu três dias consecutivos de uma maneira diferente: branco cor de carne e isso anunciavam a paz, a calma, a inocência e a união. Depois, eu o vi cor de fogo, o que era o símbolo da caridade que se acenderá nos corações. Parecia-me que a caridade devia se renovar e se estender até às extremidades do mundo. Por último, me apareceu vermelho-escuro, o que me colocava tristeza no coração. Me vinha tristezas que eu tinha dificuldade em superar. Eu não sabia nem porque nem como esta tristeza se voltava para a mudança de Governo. Uma voz interior lhe diz: "o coração de São Vicente está profundamente aflito pelas grandes desgraças que vão cair sobre a França".

No último dia da oitava, ela viu o mesmo coração vermelho e a voz interior lhe diz: *"o coração de São Vicente está um pouco consolado, porque ele obteve de Deus, por intermédio de Maria, que as suas duas famílias não pereceriam no meio destas desgraças e que Deus se serviria delas para reanimar a fé"*.

Visão do Cristo na Eucaristia (Junho de 1830)

"No dia da Santíssima Trindade, diz ela, Nosso Senhor me apareceu no Santíssimo Sacramento durante a Santa Missa, como um rei, com a cruz sobre o seu peito. No momento do Evangelho, pareceu-me que a cruz e todos os ornamentos reais vazavam pela terra sob os seus pés, e que Nosso Senhor permanecia despojado. É aí que tive os pensamentos mais negros e mais tristes, compreendendo que o rei seria despojado dos seus ornamentos reais e os prejuízos que disso resultariam".

Irmã Catarina escreveu mais tarde, sobre a ordem do Pe. Aladel, que durante todo o tempo de seu Seminário, *"ela gozava da visão daquele cuja presença se esconde aos nossos sentidos no sacramento do seu amor"*.

As aparições da Santíssima Virgem

O dia 18 de julho de 1830

Na véspera da festa de São Vicente, Maria se entretém com Irmã Catarina na Capela: ela viu uma senhora descer sobre os degraus do altar ao lado do Evangelho e se colocar *"numa poltrona similar ao do quadro de Santa Ana..."*. Ela duvidava se era realmente a Santa

Virgem que ela via... A criança diz outra vez: "Eis a Santíssima Virgem". A conversa é longa, duas horas. Catarina a descreve em algumas linhas. A narração é relatada no livro de Laurentin; Processo de Catherine, página 80.

No dia 27 de novembro e no decorrer de dezembro de 1830

A segunda aparição de Maria, durante a qual ocorreu a manifestação da Medalha, é mais conhecida. "Faça, faça cunhar uma medalha neste modelo, as pessoas que a trouxerem receberão indulgências e grandes graças".

No decorrer do mês de dezembro, na oração da tarde, Maria vem se colocar acima do tabernáculo, um pouco atrás. A aparição foi semelhante a de 27 novembro.

Como fazer memória destes três acontecimentos?

Eis três eixos de trabalho.

- 1 - **Recordar** os fatos históricos de cada acontecimento
- 2 - **Aprofundar** o significado da mensagem para hoje
- 3 - **Celebrar:** seja na oração, seja a partir da reflexão:

- A aparição do Coração de São Vicente pode ser tema de uma "Jornada Vicentina". Escolher o momento, o conteúdo, a expressão.

- A visão de Cristo na Eucaristia tem seu lugar na celebração deste "Ano Eucarístico". *"Neste ano da Eucaristia, os cristãos possam se comprometer com mais força para testemunhar a presença de Deus no mundo..." A "cultura da Eucaristia" promove uma cultura de diálogo..."*. (João Paulo II)

- A noite de 18 de julho oferece várias pistas Pastorais para celebrações: passar "da noite à luz", o caminho da confiança, o apelo a vir ao pé do altar, a oração pela paz, o lugar dos jovens em dificuldade...

- O dia 27 de novembro poderá ser celebrado, com as Comunidades Cristãs e Paroquiais, aprofundando os símbolos do globo, dos raios, da Medalha e o ensinamento precioso dos seus diferentes sinais...

São propostas gratuitas. Os programas e as modalidades de organização para celebrar este aniversário permanecem à iniciativa de cada Província, cada casa de acordo com as suas possibilidades.

Bibliografia na Língua Francesa

Para conhecer o relato das aparições, o primeiro livro do Padre Laurentin: "Catarina Labouré e a Medalha Milagrosa", em particular:

- * Páginas 290 a 300 (autografo de 1841)
- * Páginas 334 – de 7 de fevereiro de 1856 - O coração de São Vicente e a Eucaristia
- * Páginas 350-351 - 10 de abril de 1876 – A Virgem do globo
- * Páginas 352 - 30 de outubro de 1876.

A partir da beatificação de Irmã Catarina, vários artigos apareceram nos Ecos assim como em 1979-1980 para a preparação do 150º aniversário das aparições.

Irmã Claire HERRMANN
Serviço dos Arquivos

ESPECIAL 175º ANIVERSÁRIO DAS APARIÇÕES DE 1830

Uma interpretação da Mensagem Original das aparições de 1830

I - REFERÊNCIAS TEOLÓGICAS A RESPEITO DAS APARIÇÕES DE 1830 (ABRIL-DEZEMBRO)

Para compreender a Mensagem original comunicada à Catarina Labouré, é necessário levar em conta o todo das aparições: a do coração de São Vicente, as aparições de Nosso Senhor na Eucaristia, aquelas da Santíssima Virgem.

O coração de São Vicente (25 de abril - 2 de maio)

A riqueza de significação da "visão do coração" que se repetiu três dias consecutivos, é prodigiosa, de acordo com a interpretação do simbolismo das cores, dado pela própria vidente.

O "branco", de acordo com Catarina, *"anunciava a paz, a calma, a inocência e a união"*. As quatro palavras se completam e se esclarecem reciprocamente; Não é necessário esquecer nenhuma. Do ponto de vista da teologia bíblica, seria necessário privilegiar o primeiro. De acordo com o Antigo e o Novo Testamento, a paz é a característica essencial dos tempos messiânicos, o dom de Deus por excelência à humanidade que nos é transmitido pelo Cristo Ressuscitado. **A paz** que Deus nos concede e pelo qual inunda o nosso ser nos chama a criar relações de diálogo, de cooperação e de reconciliação com os nossos irmãos e irmãs em humanidade. O Evangelho da Paz, de acordo com a Epístola aos Efésios (6,15) é uma síntese da Revelação.

O "conceito de fogo" de acordo com Catarina é o que *"que deve acender a caridade nos corações"*. O fogo é um dos grandes símbolos da presença e da ação de Deus na história humana (cf. "a sarça ardente" do Horeb, Ex 3, 1-6; as "línguas que eram de fogo" de Pentecostes, At. 2, 3). Uma das palavras mais impressionantes repetidas por Jesus: "Eu vim trazer fogo sobre a terra e como eu gostaria que, já, estivesse aceso". (Lc. 12,44).

Para a vidente, é a caridade que o fogo divino vai acender nos corações. Imediatamente, ela se situa no meio da Revelação evangélica: a de Deus que é "Amor" (1Jo 4,8), que revela a plenitude da sua ternura para a humanidade em seu Filho bem amado, que dará a sua vida pela salvação do mundo e que fará do Amor - o de Deus e do próximo - o grande mandamento confiado aos seus discípulos.

A jovem vidente já era, no mais profundo do seu coração, Filha de São Vicente de Paulo, que ela tanto admirava, que ela queria imitar consagrando a sua vida ao serviço dos pobres e que rezava com fervor. Ela tinha compreendido que é antes de tudo, de amor que os pobres precisam, que é apenas se os amamos intensamente que nos colocaremos totalmente ao seu serviço e que é do coração de Deus que se extrairá a energia de amor que suscitará e sustentará a disponibilidade para com eles.

Catarina pensa explicitamente na Companhia das Filhas da Caridade na qual ela entrou. Ela compreende que a Companhia deve *"renovar-se"*, converter-se à uma vida mais evangélica, e que é chamada *"estender-se até aos confins do mundo"* a fim de testemunhar por toda a parte o amor que deve ser a sua lei, sobretudo em relação aos pobres, nas pegadas de

São Vicente de Paulo. Retenhamos este **horizonte planetário** que permanecerá aquele das outras aparições. É um dos dados essenciais da Mensagem original.

Quanto ao símbolo **“vermelho-escuro”**, ele tem, obviamente, uma conotação de desgraça e de sofrimento. “O coração de São Vicente é afligido profundamente em virtude das desgraças que vão cair sobre a França”, relata a vidente. Pensamos nas perturbações revolucionárias de 1830, 1848 e 1871. Mas é preciso limitar-se a elas? A sensibilidade às provações da humanidade e o convite a uma profunda **compaixão** são também um dos componentes da Mensagem original.

As aparições de Nosso Senhor na Eucaristia

A Eucaristia está no centro do mistério cristão. Na fé, é o sacramento que significa com maior de força a presença do Ressuscitado no meio da Igreja e da humanidade, de acordo com a sua promessa: *“Estou com vocês até fim do mundo”* (Mt 28, 20).

Como não observar que estas aparições do Senhor à Catarina estão ligadas a este sacramento? *“Vi... Nosso Senhor no Santíssimo Sacramento... todo o tempo do meu Seminário”* conta ela. Com a precisão que, o dia 6 de junho, dia da festa da Trindade, o Senhor lhe apareceu *“no Santíssimo Sacramento como um Rei, crucificado, despojado de todos os seus ornamentos”*.

As confidências da vidente orientam a interpretação da visão no sentido da identificação de Jesus crucificado e ressuscitado com todos os que sofrem, com todas as vítimas da miséria, da exploração e da opressão, em qualquer lugar que seja no mundo, de acordo com as palavras do Rei, soberano juiz da humanidade na cena do último Julgamento (Mt 25, 31-36).

Como cristãos que somos não seríamos interpelados pela compaixão do Filho de Deus? Nós estamos aí no meio do **mistério da sua presença** em nossa história.

As aparições da Santa Virgem

O Padre René Laurentin pôde estabelecer que eram três e que se podia situá-las em datas precisas.

A aparição de 18 de julho de 1830

Durante esta primeira aparição, a Santa Virgem revela à Catarina que quer *“encarregá-la de uma missão”* que lhe atrairá grandes provas: *“Você terá muitos sofrimentos... tormentos... você será contrariada...”*. As grandes vocações ao serviço de Deus são acompanhadas geralmente de grandes provações, ao exemplo da de Jesus. Como não pensar na profecia de Simeão, que declara à Maria: *“uma espada te transpassará a alma”* (Lc 2,35)?

O *“não tenha medo”*, duas vezes repetido pela Santíssima Virgem, recorda freqüentes as palavras de confiança que Deus dirige àqueles a quem Ele confia missões na Bíblia. *“Não tenham medo”*, repetido com ênfase por João Paulo II, no início de seu pontificado, é um justíssimo apelo à **coragem da fé e da missão**, num tempo difícil. *“Você terá a graça, diz a Santíssima Virgem... tenha confiança”*.

Maria prossegue suas confidências a Catarina anunciando-lhe, com muita precisão, as grandes desgraças para a França e para o mundo: *“O mundo inteiro será atingido por desgraças de todas as espécies... o mundo inteiro estará na tristeza”*. Ela fala ainda de

perseguições religiosas sangrentas: “A cruz será desprezada... as ruas estarão cheias de sangue...”.

O que é interessante para a reflexão teológica e pastoral, é sublinhar a **perspectiva mundial** da Mensagem original, diante de uma humanidade terrivelmente marcada pela violência e o sofrimento.

A vidente é chamada a se abrir do mais profundo de si mesma e a rezar por esta humanidade convulsionada: “*Vinde ao pé deste altar. Aqui, as graças serão derramadas sobre todas as pessoas que as pedirem com confiança e fervor: grandes e pequenos*”. O que não é somente Catarina que é assim interpelada, mas também todos aqueles e aquelas que por ela, conhecerão a Mensagem original. Não é um convite urgente a oração pela humanidade inteira fazendo suas, os sofrimentos e as provações, oração para que ela se torne justa e fraterna, que ela se abra à conversão evangélica? E como esquecer que a oração cristã é radicalmente chamada à ação, a fazer tudo o que depende de nós de modo que o mundo se torne o que rezamos?

As aparições de 27 de novembro e dezembro de 1830

A aparição da Santa Virgem em dezembro não traz, parece nada de essencial do ponto de vista teológico. Parece ter sido, sobretudo, um eco da segunda que, ao contrário, é de uma importância decisiva. É ela que ia concretizar a missão confiada à jovem: esta medalha tão original e tão rica de simbolismo que não tardaria a se chamar “Medalha Milagrosa”.

É **uma mulher de uma infável beleza** que aparece a Irmã Catarina, resplendente do reflexo da beleza de Deus, esta glória que irradia o Cristo da transfiguração, como irradiará um dia os ressuscitados e que, por graça, pode refletir-se, “como num espelho” sobre os rostos humanos, ainda nesta terra (cf. 1 Co 15,43).

A meditação da beleza de Deus e da graça da beleza que Ele atribui aos santos é uma das grandes tradições da teologia e espiritualidade orientais. A beleza que transfigura o rosto de Maria e os feixes de “*raios de um brilho deleitante*” que emanam das suas mãos, na visão da Medalha, constituem uma das mais impressionantes expressões na tradição cristã ocidental. Os raios são tanto mais significantes que estão presentes como “*o símbolo das graças que Maria obtém aos homens*”.

A maravilhosa visão de beleza se desenrolou sobre o fundo de um quadro ao redor do qual Irmã Catarina leu a invocação, escrita em letras de ouro: “*Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós*”. Mais tarde em Lourdes, é a percepção de Maria como **a Imaculada Conceição**: um sinal muito forte da devoção Marial do Catolicismo Ocidental do Século XIX. Retenhamos a rica evocação em algumas palavras do Concílio Vaticano II: “*O uso se estabeleceu com os santos Padres de chamar com frequência à Mãe de Deus “toda Santa” e “imune de toda a mancha de pecado”, visto que o próprio Espírito Santo a modelou e d'Ela fez uma nova criatura. Enriquecida, desde o primeiro instante da sua Conceição, com os esplendores duma santidade singular e absolutamente incontestável...*”.

Eis que, na visão, o quadro se volta e sobre o reverso, ela distingue a letra M encimada por uma pequena cruz, e na parte inferior, os Santos Corações de Jesus e de Maria. Esta última etapa da visão é de uma grande importância.

Ela situa Maria como **toda orientada para o Cristo Redentor**, como a sua Mãe e a Serva do Senhor (Lc 1,38), como aquela que tinha a constante preocupação de viver à luz da Palavra de Deus (Lc 2,23) e aquela que disse aos serventes das bodas de Caná e, através deles,

a todos os discípulos de seu Filho e a humanidade inteira: “*Fazei tudo o que Ele vos disser*” (Jo 2,5). A visão afirma com força a poderosa intercessão de Maria. Mas é exatamente uma “intercessão”: a da Mãe, como em Caná, aquela da serva que ela sempre quis ser.

Sua missão celestial é “a glória do Bom Deus”, para retomar a expressão que ela empregou durante a sua primeira aparição para definir a finalidade daquela que ia confiar à Irmã Catarina. Se na Mensagem original das Aparições de 1830, a glória de Deus se reflete sobre Maria, é para que através de sua intercessão e de sua interpelação, a humanidade descubra e ame a Deus que é Amor. Definitivamente, Maria é evangelizadora.

A Medalha é um ícone para os pobres. Geralmente num metal sem valor comercial, custa quase nada. Qualquer um pode obtê-la. Levar a Medalha sobre si é um sinal de confiança e sentimento de afeição para com quem é nossa Mãe na ordem da graça, assim como uma jóia de família - sobretudo uma aliança - pode ter um sentido afetivo muito forte. Os seres humanos têm necessidade de sinais e de símbolos. O prodigioso sucesso popular da Medalha é um fato que confirma o valor da sua invenção. A devoção Marial é uma das grandes tradições cristãs. Maria, de acordo com o Novo Testamento, é intimamente ligada aos mistérios da Encarnação e Redenção. Dom de Deus à humanidade, Maria é também caminho para Ele.

A Medalha, situada outra vez no conjunto da Mensagem original das Aparições de 1830 à Catarina Labouré, é caminho de evangelização. Por outro lado, e todo o símbolo desta Mensagem que é necessário se esforçar para descobrir e pôr em prática.

II - UMA RELEITURA PARA HOJE

Hoje, é o dinamismo do Concílio Vaticano II que a Igreja Católica é chamada a viver e manifestar... A característica principal do Concílio é a valorização da dimensão social da fé: os discípulos de Jesus devem se esforçar para vivê-la, não somente na sua vida pessoal e familiar ou ainda na vida eclesial, mas também em todas as dimensões coletivas da vida social: a política, a economia, as relações sociais, a cultura.

Hoje, nos passos do Concílio Vaticano II, a Igreja Católica é chamada a testemunhar o poder sempre novo do Evangelho perante os desafios do mundo. Eis alguns:

- O fenômeno fundamental da globalização faz com que em razão da prodigiosa intensificação das comunicações, a humanidade inteira se torne interdependente;
- A exclusão e o desemprego se desenvolvem maciçamente na sociedade industrial ocidental bem como a extrema pobreza no conjunto dos países economicamente subdesenvolvidos: conta-se de 800 milhões a um bilhão de "pobres absolutos";
- As profundas mutações de sociedade desestabilizam e perturbam os espíritos;
- A descristianização se espalha na sociedade ocidental.

Tal é o contexto histórico no qual a Mensagem original das aparições de 1830 deve ser agora, assumida de maneira responsável.

Algumas breves sugestões podem ser feitas:

1 - Reforçar a dimensão pessoal e comunitária da fé

A profundidade e a riqueza da caminhada de fé e de conversão evangélica chamadas pelas aparições de 1830 são igualmente necessárias e significativas hoje.

A necessidade de uma fé estruturada é essencial no mundo atormentado e descristianizado que é o nosso, uma fé seriamente pensada, concretizada em tempos de oração substanciais e regulares, bem como na aprendizagem “da revisão de vida” à luz do “Evangelho”.

A vida comunitária de grupos, de equipes, de “fraternidades” constitui a base indispensável do apoio mútuo num mundo difícil.

2 - reconhecer e desenvolver a dimensão social da fé

No âmbito da devoção Marial, é urgente reencontrar o extraordinário poder da interpelação do Magnificat para a vida em sociedade. Longe de nós pregar a renúncia, ela nos compromete a nos tornarmos filhos e filhas de Deus, corajosos e generosos, nos esforçando com ardor para ser os promotores de uma humanidade justa e fraterna. Não é necessário hesitar a se comprometer resolutamente na perspectiva da "civilização do amor", "civilização das Bem-aventuranças", preconizada por João Paulo II. Tal é o sentido da herança vicentina e a interpelação da Mensagem original das aparições de 1830.

- Hoje, a **evangelização e a Pastoral da solidariedade** ganham por estarem situadas no eixo desta "civilização do amor".

- **A opção preferencial pelos pobres** se inscreve perfeitamente na "civilização das Bem-aventuranças".

- Como esquecer a **evangelização e a pastoral da paz** que devem ser, por fidelidade à Revelação judaica-cristã, um dos grandes eixos de toda Evangelização e de toda Pastoral?

Com o Cardeal Etchegaray, se poderia falar “suscitar uma civilização da paz, do amor e da vida” do qual ele afirma com razão que ela é “a única que escapa à guerra, a violência e a morte”. Esta perspectiva está plenamente na linha da Mensagem original das aparições de 1830. O afluxo constante dos peregrinos na Capela da rua do Bac é um verdadeiro plebiscito para Maria e a jovem a quem ela designou para ser a sua mensageira. Pelo próprio fato, suas potencialidades de evangelização para o nosso tempo são consideráveis. Com as grandes peregrinações Mariais, a humilde “*Serva do Senhor*”, aquela que “*todas as idades dirão bem-aventurada*” exerce um papel capital para a evangelização do mundo. Como em Caná, ela nos diz, designando o seu Filho, o Filho de Deus e nosso Redentor: “*façam tudo o que Ele vos disser*”.

Padre René COSTE
Doutor em teologia

Maria está na primeira fila daqueles que querem vencer o mal pelo bem.

Maria está na primeira fila daqueles que querem vencer o mal pelo bem. É o que expressa de uma maneira evidente a "medalha milagrosa". O reverso da medalha mostra de três maneiras esta **mensagem de paz e salvação:**

A jaculatória: "Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós".

A Virgem Maria é **Imaculada** desde a sua

O brilho destes raios chama, justifica e alimenta nossa **confiança:**

- **na fidelidade de Maria** para com o seu Criador e para com seus filhos (os anéis),

- **na eficácia de sua intervenção** (os raios de graças que caem sobre a terra)

- **e na vitória final** (a luz) visto que ela própria, primeira discípula, é a primeira a ser salva.

No reverso da medalha, o M e a Cruz entrelaçados

concepção. Deste privilégio que já lhe vem dos méritos da Paixão do seu Filho Jesus decorre **sua poderosa intercessão**. É por isso que, a Virgem convida todos os homens a recorrerem a ela nas dificuldades.

Os pés de Maria estão apoiados sobre uma bola e esmagam a cabeça de uma serpente.

A bola é o globo terrestre. A serpente personifica Satanás e as forças do mal. A Virgem Maria é **comprometida no combate espiritual**, o combate contra o mal cujo nosso mundo é o campo de batalha. Ela nos chama à conversão para que nós *também entremos na lógica de Deus* que não é a lógica do mundo.

As suas mãos estão abertas e os seus dedos são ornados de anéis de onde saem os raios que caem sobre a terra se alargando para baixo.

sublinham em que ponto Maria - e todos os cristãos em sua companhia – se **unirão à Paixão de Cristo, vencedor definitivo do mal pelo bem**. O sagrado Coração de Jesus, coroado de espinhos, e o Coração Imaculado de Maria, Transpassado pela lança segundo a previsão do velho Simeão, expressando a mesma **mensagem de união em sacrifício de si para a salvação dos outros**.

As doze estrêlas que cercam estes símbolos são a recordação das profecias bíblicas se referindo a *Maria, Rainha dos Apóstolos, Mãe da Igreja*. Não é por acaso que a bandeira Européia retoma este sinal com as suas doze estrêlas de ouro em círculo sobre o fundo azul, porque este emblema foi escolhido a partir da origem da Comunidade por Robert Schuman e Konrad Adenauer, dois homens de fé completamente capazes de ter querido assim pôr a Europa sob a proteção de Maria.

Pai, teu Filho disse "sim", sempre.
Por sua Cruz e sua Ressurreição,
uma vez por todas.
Ele plantou sobre a nossa terra
O "sim" que eternamente
Profere diante da tua face.
Assim, nós podemos dizer "sim",
nós também, depois d' Ele, n'Ele,
na força do seu coração obediente.

Seu "sim" nos precedeu
como o da sua Mãe,
a Mãe de todos: Maria.
Tudo o que o coração humano
contém de humildade, disponibilidade,
de escuta e de obediência,
já está contido no seu "Fiat"
e encontra aí a sua consistência.

Coloca em nosso coração e em nossos lábios
este "sim" de Maria,
mesmo e sobretudo nas horas
em que nós nos interrogamos
na angústia ou perplexidade:
Senhor,
como tudo isto poderá ser feito?

Pai, concede-nos a graça
de crer que junto de Ti tudo é possível
e dá-nos a alegria de dizer:
"Que seja feito em nós conforme a tua palavra".